

# O «MAGNÍFICO APARATO»: FORMAS DA FESTA AO SERVIÇO DA FAMÍLIA REAL NO SÉCULO XVIII

por Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves

## 1 — Introdução

Durante o século XVIII realizaram-se, em grande número, festas que tiveram como finalidade comemorar acontecimentos relacionados com a dinastia de Bragança. Os nascimentos, os casamentos, os aniversários e também os falecimentos ocorridos na Família Real serviam de pretexto para manifestações que pretendiam acima de tudo enaltecer a imagem da família reinante, afirmar o seu poder e unir todo o reino num sentimento comum de lealdade, de amor e respeito para com os Braganças. Além das razões apontadas existiam outras, como veremos, que serviam os mesmos fins, como aconteceu, a título de exemplo, com a inauguração da estátua de D. José I, em Lisboa, em 1775.

O presente trabalho tem como finalidade inventariar, de uma forma o mais completa possível, as diversas causas que levam à festa associada à Família Real, bem como as formas como aquela se exprime, e também referir a complexidade da sua organização, utilizando, para o efeito, transcrições de textos da época.

## 2 — Motivação

Foram diversos os motivos que levaram ao longo de setecentos<sup>1</sup> à realização de muitas festas — no reino ou fora dele, nomeadamente no Brasil<sup>2</sup> — que tiveram como razão acontecimentos relacionados com a Família Real. Iniciado o ciclo festivo com o «auto do levantamento, e juramento», feito em 1 de Janeiro de 1707, devido à subida ao trono de D. João V (1689-1750), aquele fechar-se-ia com o início da regência do futuro D. João VI (1767-1826), em 1799.

As motivações para os festejos encontram-se essencialmente no designado ciclo humano da família reinante<sup>3</sup> — o nascimento, o casamento e a morte do monarca e dos membros da sua família. A estes sucessos devemos acrescentar os aniversários<sup>4</sup> que por vezes eram comemorados com grandes festejos, como aconteceu em 6 de Junho de 1775 quando, nesse dia, se associou o aniversário de D. José I (1714-1777) com a inauguração da sua estátua equestre na Praça do Comércio em Lisboa:

---

<sup>1</sup> Na segunda metade do século XVII realizaram-se três grandes festas relacionadas com a Família Real que foram os casamentos: de Dona Catarina de Bragança com Carlos II, rei de Inglaterra, em 1662; de D. Afonso VI com Dona Maria Francisca Isabel de Sabóia, em 1666, e de D. Pedro II com Dona Maria Sofia Isabel de Neuburgo, em 1687. Sobre este casamento ver o trabalho de BORGES, Nelson Correia — *A arte nas festas do casamento de D. Pedro II*, Porto, Paisagem Editora, 1984.

<sup>2</sup> Lembramos a título de exemplo: MELLO JÚNIOR, Donato — *António Francisco Soares, artista dos desenhos dos carros alegóricos das festividades promovidas pelo vice-rei Luís de Vasconcelos, no Rio de Janeiro em 1876*, in «Barroco», n.º 15, Minas Gerais, 1990/92, pp. 353-364; WESTPHELEN, Cecília Maria e BALHANA, Altiva Pilatti — *Festas na capitania de São Paulo 1710-1822*, in «A Festa», I, Lisboa, 1992, pp. 95-114 e SILVA, Maria Beatriz Nizza da — *O Sagrado e o Profano nas festas do Brasil Colonial*, in «A Festa», I, Lisboa, 1992, pp. 159-172.

<sup>3</sup> BOITEUX, Martine — *Fêtes et traditions espagnoles à Rome au XVII siècle*, in «Barocco Roma no e Barocco Italiano. Il teatro, l'effimero, l' allegoria», Roma/Reggio Calabria, 1985, p. 121.

<sup>4</sup> Guimarães, 15 de Junho de 1758 (*Gazeta de Lisboa*, n.º 29, Junho, 1758, pp. 231-232) «Nesta Villa tivemos a 5 e 6 deste mez o divertimento de ver a pompa, e solemnidade com que o Senhor de Abadim, e Negrellos celebrou, como todos os annos costuma, o anniversario do nacimeto do nosso Augusto Monarca. Toda a sua caza, e Jardins de Villa flor estiveraõ toda a noyte de sinco iluminados, e houve hum bom fogo de arteificio que concorreu a ver a mayor parte dos moradores desta grande Villa. No dia seguinte se celebrou solemnemente na Capella da mesma caza, huma festa dedicada a Santo Antonio, para impetrar do Omnipotente a sua Divina benção sobre todas as açcoens de S. Magestade Fidelissima, o mais vigilante Monarca, que tem occupado o trono Portuguez de todas as vantajens, que podem ser de beneficio para os

«Dia feliz, tu viste o Nascimento  
Do amado REY em tudo sem segundo,  
Que he da Patria as delicias, e ornamento.

Dia feliz, sempre em prazer fecundo,  
Tu vês erguer-lhe agora o Monumento,  
Que ha de durar quanto durar o Mundo»<sup>5</sup>.

Naquele dia, ao festejar-se o nascimento do Rei, homenageava-se essencialmente a figura do marquês de Pombal que na cerimónia desempenhou o papel principal<sup>6</sup>, representando a inauguração da estátua o coroamento da sua obra<sup>7</sup>. Os acontecimentos relacionados com o ciclo humano individual da família reinante tinham como últimas manifestações o funeral e as exéquias que constituíam a derradeira «magnificenze spettacolo»<sup>8</sup>.

Às motivações apontadas podemos acrescentar outros acontecimentos que levaram à organização de festas: os autos de levantamento e juramento; as entradas públicas (muitas vezes associadas ao casamento do monarca, como veremos); certas deslocações do Rei que obrigavam a um certo aparato e aos respectivos festejos; e, por vezes, razões excepcionais que permitiam aos súbditos expressar o seu «amor» ao soberano ou à sua família. Também não devemos esquecer o aparato que se revestia a participação do Rei na procissão do Corpo de Deus e quando recebia os embaixadores.

---

seus Povos. Cantou a Missa o M. R. Doutor Francisco Jozè Pereira Chantre da Real Collegiada de N. S. da Oliveira. Pregou sobre o mesmo assumpto com geral satisfação, e aplauzo de todo o auditorio, o R. P. Fr. Manuel da Graça, D. Abade do Mosteiro da Costa. Acabada a função da Igreja se seguiu hum sumptuooso jantar a todos os convidados, em hua meza coberta trez vezes com abundancia, e delicadeza, e a tarde se gastou toda com varios divertimentos».

Na transcrição, por ser um texto impresso, manteve-se a grafia, substituindo-se só os f por s.

<sup>5</sup> *Narração dos applausos com que o Juiz do Povo e Casa dos Vinte-Quatro festeja a felicissima inauguração da estatua equestre*, Lisboa, 1775, p. 59.

<sup>6</sup> FRANÇA, José-Augusto — *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, 1977, pp. 218-220.

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 205.

<sup>8</sup> MOLI FRIGOLA, Montserrat — *Donne, candele, lacrime e morte: funerali di regime spagnole nell'Italia del Seicento*, in «Barocco Romano e Barocco Italiano. Il teatro, l'effimero, l'allegoria», Roma/Reggio Calabria, 1985, p. 135.



## 2.1. *As festas do ciclo humano da família reinante*

### 2.1.1. *Nascimentos*

Os nascimentos dos infantes ocasionavam sempre festejos na capital e noutras localidades do reino e das suas colónias, festejos que podiam atingir, por vezes, uma grande projecção como aconteceu com os nascimentos dos dois primeiros filhos dos Príncipes do Brasil, D. João (futuro D. João VI) e Dona Carlota Joaquina (1775-1830): os infantes Dona Maria Teresa (1793-1874) e D. António (1795-1801).

A capital, ou o local onde no momento residia a corte (por exemplo, Queluz no último quartel do século XVIII), era o centro mais importante das festividades já que era o lugar onde se realizava o baptizado e onde assistiam os membros da Família Real, actores e espectadores privilegiados de todo o espectáculo.

O nascimento de um príncipe era precedido por cerimónias religiosas pela «bem desejada gravidação»<sup>9</sup>:

«Do Funchal na Ilha da Madeira avisão que o Senado daquella Capital, tomando na sua consideração as grandes vantagens, que resultão a todos os Vassallos Portuguezes a Sucessão da Real Familia Reinante, logo que soube da gravidez da Princeza Nossa Senhora, determinou fazer votos a Deos, como Author de todas as felicidades, pelo feliz Parto da mesma Senhora. Para este fim deputou o Procurador do Conselho para representar os seus ardentos desejos ao Excellentissimo Bispo daquella Diocese, rugando-lhe desse providencias necessarias para tres dias de Preces na Cathedral por aquelle importantissimo objecto: o dito Prelado, annuindo a esta rogativa, se propoz ir officiar na indicada solemnidade, e para ella assignou os dias 12, 13, e 14, de Março. Passando o mesmo Senado a participar ao Excellentissimo Capitão General o seu intento, teve a satisfação de o ver por elle approvado e louvado; e a mesma resolução communicou ao Desembargador Corregedor, e a toda a Nobreza, fazendo afixar Editaes, para que todos assistissem às ditas Preces, e se suspendesse nas horas dellas todo o trabalho. Em consequencia no tempo prescrito se vio aquelle magestoso Templo totalmente cheio de gente, cujo desusado concurso bem mostrava o leal amor que constantemente professa à Real Caza de Bragança...»<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — *A festa barroca no Porto ao serviço da Família Real na segunda metade do século XVIII. Subsídios para o seu estudo*, Porto, 1988, quadro I.

<sup>10</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, 1793, Setembro, 21.



Após o nascimento, temos manifestações festivas de dois tipos: as que aconteciam no palácio e as que ao longo de três dias (ou mais) se efectuavam na cidade. No primeiro caso, e seguindo a descrição que faz D. António Caetano de Sousa<sup>11</sup> do nascimento da Infanta Dona Maria Bárbara (1711-1758), vemos que logo após o parto seguiu-se a cerimónia do beija-mão, recebendo para tal D. João V a nobreza. Depois o monarca concedeu audiência ao Núncio e «Ministros Estrangeiros» que lhe «representarão da parte dos seus Soberanos a grande satisfação, que lhes causava semelhante dita»<sup>12</sup>. Após esta cerimónia o rei, acompanhado pelos irmãos, «dos Grandes, Officiaes da Casa Real, e de toda a Nobreza», foram para a capela do palácio onde «se cantou o Te Deum, e Missa com grande solemnidade». Em 18 de Dezembro realizou-se o baptizado (ver ADENDA I) com toda a «pompa» devida à primeira filha de D. João V e de Dona Maria Ana de Áustria (1683-1754). Todas estas cerimónias, limitadas ao mundo da corte, eram completadas com festejos organizados, como veremos, por entidades diversas e que ocupavam a atenção de todos os habitantes da cidade — «Na cidade se fizerão todas as demonstrações de gosto com tanta alegria, como nascida de hum excessivo contentamento.» — que, mobilizados para o acontecimento, nele vão desempenhar também o duplo papel de actores e de espectadores. O exemplo da capital seria seguido noutras localidades:

A — Nascimento do príncipe D. José (1761-1788), primeiro filho de Dona Maria I (1734-1816) e de D. Pedro III (1717-1786)

«Villa da Ponte da Barca 20 de Outubro. Querendo o Senado da Camara desta Villa render ao Todo Poderoso as devidas, e publicas acçoens de graças, pelo singular beneficio, com que abemçoou a prosperidade destes Reinos, dando lhes hum Principe, determinou celebrar na Igreja Matriz da mesma Villa hum solene Triduo, com o Santissimo Exposto nos dias 13, 14, e 15 do mez passado. Forão Oradores o Doutor João de São Jeronimo Munhoz, Abbade de São Paio de Jolda, e Frei João da Piedade da Real Provincia da Conceição, que com maravilhosa elegancia, e profunda erudição se mostrárão dignos Panegyristas de tão alto Assunto. As pessoas mais distinctas da mesma Villa, para dar nos mesmos dias e noites huma publica demonstração do jubilo natural da herdada fidelidade, com que seus maiores se distinguirão no serviço da Coroa Portuguesa executárão nas duas

---

<sup>11</sup> *Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo VIII, Coimbra, 1951, pp. 211-213.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 212.

tardes duas bem ordenadas escaramuças de 4 fios, jogando as contoadas, e alcancias e correndo a sortilha com a destreza, e a arte, que he, e foi sempre propria dos Cavalleiros da mesma Villa. Forão guias Manoel Vicente da Costa Pereira Calheiros, Francisco Pereira Castro Mello, Antonio Luiz Pereira do Lago, e Manoel Antonio Pereira do Lago. Forão sortilheiros Manoel Vicente da Costa Pereira Calheiros, que foi Mantenedor no primeiro dia, sendo sortilheiro João Antonio Malheiros Pereira. Na segunda tarde ficou Mantenedor Francisco Pereira Castro e Mello; e na terceira houve hum combate de touros, com varias danças. O Sargento Mór Francisco Pereira Castro e Mello, Senhor da Torre da Quintella, mandou pegar nas armas a Ordenança, e com 3 descargas de fuzilaria coroou o festejo daquella tarde, a que assistio hum numeroso concurso de Nobreza, e povo.

Para que as noites correspondessem aos dias, se illuminarão todas as cazas da Villa. Huma noite se adornou hum vistoso Castelo de fogo, com varias invençoens de igual artificio; e nas outras 2 se celebrarão sessoens Academicas em casa do mesmo Manoel Vicente da Costa Pereira Calheiros, Fidalgo Cavalleiro da Caza Real, a que assistirão as senhoras mais distinctas da mesma Villa, e das suas vizinhanças. Recitarão-se mui discretas Poesias, dedicadas todas ao prospero nascimento do Serenissimo Princepe da Beira»<sup>13</sup>;

**B — Nascimento da Infanta Dona Maria Francisca de Assis (1800-1834), filha dos Príncipes do Brasil, D. João e Dona Carlota Joaquina**

«Logo que á cidade de Lamego chegou, no dia 30 de Abril proximo passado, a faustissima notícia do Parto da Princeza N.S., se annunciou com repiques de sinos em todas as Torres por tres dias, e luminarias nas noites respectivas. Consecutivamente o Illustrissimo Cabido, em virtude de huma carta que recebe do Excellentissimo Bispo daquella Diocese, (que se achava então em visita) determinou render Graças ao Altissimo, fazendo cantar, por hum excellente Coro de Musicos, o Te Deum, que entuou o Reverendo Deão D. Manoel Freire Gameiro de Sousa. A esta solemne função assistio a Nobreza e povo da dita Cidade, mostrando todos huma geral satisfação pela felicidade dos seus Soberanos; e pelo mesmo motivo se ficavão preparando corridas de touros e varias outras demonstraçoens de alegria»<sup>14</sup>.

**2.1.2. Casamentos**

O casamento do monarca ou do príncipe herdeiro ou ainda de uma infanta revestia-se sempre do maior aparato organizando-se para o

---

<sup>13</sup> *Noticias de Lisboa*, n.º 11, 1762, Janeiro.

<sup>14</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 20, 1800, Maio.

comemorar grandes festividades. Assunto da maior importância política e social era constituído essencialmente das seguintes fases: negociação prévia, por vezes longa e difícil; embaixada à corte da princesa escolhida; jornada para Portugal; recepção em Lisboa e festejos e entrada pública. Este esquema, que em certos casos pode ter algumas variantes, vamos encontrá-lo no casamento de D. João V com Dona Maria Ana de Áustria<sup>15</sup>:

## A — *Negociação*

«Havia ElRey D. Pedro, de saudosa memoria, reflectido na pereição de haver de dar estado ao Príncipe, que ja se achava em idade competente para o thalamo: pelo que determinou darlhe esposa, e entre as Princezas, que então havia na Europa, fez eleição da Archiduqueza D. Maria Ana de Austria, filha do Imperador Leopoldo I. Encarregou este negocio ao Conde de Assumar<sup>16</sup>, que então assistia a ElRey Carlos III<sup>17</sup> no sitio de Belem, [...] para que introduzisse a pratica do casamento do Príncipe do Brasil com a Serenissima Archiduqueza, fiando da prudencia, e grande talento do Conde esta negociação, a que logo deu principio, communicando o negocio com o Príncipe de Liechtenstein, Camareiro môr do mesmo Rey...». Seguindo para Barcelona Carlos III, «naquella Cidade», em 3 de Novembro de 1705, deu a resposta da corte de Viena mostrando-lhe as cartas «que recebera do Emperador Joseph, e da Emperatriz Leonor, em que referião o gosto, e satisfação, com que abraçavão aquella proposição, e tão satisfeitos desta alliança, que dizião que só faltava nomearse Ministro para pôr em execução o Tratado, e a formalidade de pedir a Archiduqueza»;

## B — *Embaixada*

D. Pedro II (1648-1706) nomeou embaixador extraordinário «à Corte de Vienna» Fernando Teles da Silva, 3.º conde de Vilar Maior. Falecendo D. Pedro II em 1 de Dezembro de 1706, só em 25 de Setembro de 1707 partiria o conde de Lisboa, entrando em Viena em 21 de Fevereiro de 1708<sup>18</sup>. Para organizar a «entrada publica» levou o

---

<sup>15</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., pp. 22-38.

<sup>16</sup> D. João de Almeida Portugal, 2.º conde de Assumar.

<sup>17</sup> Filho do imperador Leopoldo e pretendente ao trono de Espanha após a morte do rei Carlos II. Será, após a morte de seu irmão José, imperador da Alemanha — Carlos IV.

<sup>18</sup> O trajecto do embaixador foi o seguinte: Lisboa; Portsmouth; Londres; Roterdão; e Viena. Cf. SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., pp. 23-25.



conde algum tempo, já que aquela se fez em 7 de Junho, da parte de tarde, e que foi «huma das mais pomposas, e magnificas, que se vio naquella grande Corte,...»<sup>19</sup>. Em 24 de Junho<sup>20</sup>, Fernando Teles da Silva «seguido de todo o seu luzido cortejo, às onze horas do dia sahio do seu Palacio à audiencia do Emperador, em que observadas todas as ceremonias, pedio a Serenissima Archiduqueza Maria Anna para esposa delRey D. João, seu Senhor, que o Emperador com muita satisfação lhe concedeo; e passando ao Palacio da Emperatriz mãy, lhe repetio a mesma supplica, a que ella satisfez com tanto gosto, que mandou chamar a nova Rainha, a quem o Embaixador, posto de joelhos, entregou o retrato delRey, posto em huma joia de diamantes de grande valor, digna de quem a mandava, e de quem a recebia. «Após esta cerimónia foi assinado o tratado do casamento<sup>21</sup>. Chegada esta notícia a Portugal, houve cerimónia de beija mão sendo «applaudida» com «salvas de artilharia, e luminarias por tres dias, na fórmula costumada»;

## C — *Jornada para Portugal*

D. Maria Ana de Áustria deixaria Viena em 7 de Julho, indo acompanhada da família<sup>22</sup> para a cidade de Klosterneuburg, onde se realizou o casamento<sup>23</sup>, findo o qual seguiu para Korneuburg<sup>24</sup> a caminho da Holanda e Inglaterra, entrando na barra de Lisboa em 26 de Outubro;

---

<sup>19</sup> A entrada pública fez-se a partir da pequena localidade de Inzersdorf, «distante huma legoa da Cidade de Vienna de donde he costume sahirem om Embaixadores para entrarem da Cidade».

<sup>20</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., p. 26.

<sup>21</sup> «Na noite houve hum baile no paço, que durou até às seis horas da manhã, em que dançaraõ as Magestades, e Principes, a que assistio o Embaixador, o qual no dia seguinte celebrou tambem esta funçaõ com hum magnifico festejo, a que assistiraõ os Senhores, e Senhoras da Corte com as Damas do Paço, por especial attençaõ do Emperador, que regalou ao Embaixador com hum prezente de couzas de prata, que constava de hum candieiro, duas fontes, e dous brazeiros. Ao Secretario, Antonio Rebello, e Thesoureiro, mandou anneis de diamantes; ao Medico, Estribeiro, e Escrivaõ, cadeas de ouro com medalhas com o seu retrato guarnecido com alguns diamantes».

<sup>22</sup> «o Emperador, [...] duas Emperatrizes [...] tres Archiduquezas...».

<sup>23</sup> «Na tarde do dia 9 do dito mez (Julho) se celebraraõ os desposorios das Magestades Portuguezas, sendo Procuradores del Rey o Emperador, que se recebeo com a Rainha».

<sup>24</sup> «passando o Danubio sobre huma ponte de barcas feita sómente para este fim».

## D — *Recepção em Lisboa e festejos*

Chegada a armada a Lisboa com a rainha, foi marcado o desembarque para o dia 27 de Outubro, tendo sido visitada na véspera, em nome do rei e dos infantes, pelo 2.º conde de Vila Verde (D. Pedro António de Noronha de Albuquerque) e outros membros da nobreza<sup>25</sup>. No dia apazado para o desembarque<sup>26</sup>, D. João V e os irmãos foram buscar a rainha ao navio conduzindo aquela, num bergantim, para terra<sup>27</sup>, onde o «Bispo Capellão môr Nuno da Cunha de Ataíde, revestido de Pontifical, lhe lançou as benções nupciaes». Os monarcas nessa noite «cearão em publico com grande pompa, na fôrma observada na Casa Real»<sup>28</sup>. Ao mesmo tempo «solemnizou-se» esta «felicidade illuminando-se toda a Cidade, o que se repetio por tres dias com salvas de artilharia das Torres, Fortalezas, e navios, que estavam no rio». Os festejos continuaram com «Serenatas, e Musicas no Paço». No Terreiro do Paço foi levantado «hum agradável, e polido Anfith teatro», onde, nos dias 15, 17 e 21 de Novembro, «houve Touros» assistindo os monarcas «em publico, e toda a Corte». No dia 26, também no Terreiro do Paço, «se executou hum bellissimo artificio de fogo de admiravel idéa, e primor, formando-se huma machina, em que se via representado o Monte Etna, que estava fumegando, e lançando

---

<sup>25</sup> D. Martinho Mascarenhas, 3.º marquês de Gouveia e 6.º conde de Santa Cruz, mordomo-mor de D. João V; D. Marcos de Noronha e Brito, 4.º conde dos Arcos e gentil-homem da Câmara do Infante D. Francisco (1691-1742); D. Fernando Martins Mascarenhas, «Conde Meirinho môr» e aio dos Infantes D. António (1695-1757) e D. Manuel (1697-1736) e D. Cristóvão José da Gama, «Vêdor da Casa da Rainha», por parte da Infanta D. Francisca Josefa (1699-1736).

<sup>26</sup> «No dia seguinte que era hum Sabbado, levantando ancora, foy a Capitania dar fundo defronte do Paço, no qual da parte do Forte estava feita huma magnifica Ponte, que fora encarregada a direcção do Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte-Real, que servia de Provedor das Obras, na menoridade do Conde de Soure Dom Henrique Francisco da Costa».

<sup>27</sup> «desembarcaram as Magestades na Ponte [...] Aonde se acabava a Ponte, já no saguão antes de sobir a escada, estava a Infanta D. Francisca [...] com todo o acompanhamento foraõ à Capella Real, que estava ricamente ornada...».

<sup>28</sup> «o Capellaõ môr benzeo a mesa, e no fim deu as graças, estando as Magestades, e Altezas em pé neste tempo. À ilharga da cadeira delrey estava o Conde de Santa Cruz, Mordomo môr, com bastaõ, insignia do seu cargo, e lha chegou o Reposteiro môr Conde da Calheta, e detraz della estava o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Gentil-homem da Camera de semana, e da cadeira da Rainha o Duque de Cadaval com a sua insignia de seu Mordomo môr, e lha chegou, e à ilharga estava a Marqueza de Unhaõ sua Camareira môr, da do Infante D. Francisco o Conde dos Arcos seu Gentil-homem da Camera, da do Infante D. Antonio o Conde de Valadares D. Carlos de Noronha, e da do Infante D. Manoel D. Sancho de Faro, ambos Vêdores da Casa da Rainha, e da parte da Infanta D. Francisca estava a sua Aya a Marqueza de Fontes; Elrey deu o chapeo a hum Moço Fidalgo, que esteve com elle nas mãos de joelhos, e a Rainha deu o manguito, e luvas à sua Camareira môr, e a Infanta à sua Aya: os Grandes estavam à parede, e todos descobertos».

por vezes chamas, sendolhe opposto hum Arco de triunfo, que representava o Palacio de Venus, de donde ella sahio em hum carro triunfante tirado por Cisnes, que Cupido guiava, cercado de Genios amorosos, que se vião por hum infinito numero de archotes, e parando o carro defronte da janella, em que estavam as Magestades, cantarão excellentemente hum breve Epithalamio. Depois andando para o Monte Etna, Venus desceo do carro, e seguida da sua comitiva, abrio-se o monte, de que sahio Vulcano com os Cyclopes, e todos juntos cantarão recitados, acompanhados de danças, de sonoros, e diversos instrumentos, que fazião huma agradável consonancia, o que tudo se formava em hum theatro feito defronte da janella, em que estavam os Reys. No tempo que durava a Musica, Vulcano forjou hum rayo, que havia de pôr fogo àquella machina, que acabou, começando a jogar o fogo por hum jardim, que estava representado ao pé do Monte Etna, de donde se communicava a toda a machina. Este vistoso entretenimento, que durou ardendo mais de duas horas, foy agradável à Corte, e a hum infinito numero de gente, e os Estrangeiros o applaudirão por hum dos mais luzidos artificios de fogo, que se tinha visto»;

## E — *Entrada pública*

A entrada pública fez-se em 22 de Dezembro. Nesse dia «forão os Reys à Sé com grande pompa, por entre dezanove Arcos triunfaes, que os officios da Cidade, e as nações Estrangeiras levantarão desde o Paço até à Cathedral, por onde os Reys passarão: erão formados com excellente architectura, ornados com emblemas, e disticos, que declaravão as allusoens, do que representavão, e guarnecidos com primorosas estatuas, e pinturas, outros ricamente adereçados com singular idéa, erão não menos vistosos, que de bom gosto, e na mesma fórma todas as ruas por onde passarão estavam ricamente armadas, e guarnecidas de Infantaria em duas alas»<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> «no Terreiro do Paço estava, postado hum corpo de tres Regimentos de Infantaria, e hum de Cavallaria, que mandava o Duque de Cadaval Mestre de Campo General junto à pessoa Real, muy bem fardados, e os Officiaes uniformemente vestidos. Principiava o acompanhamento pelos Ministros de Justiça da Cidade, os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, os Porteiros da Cana com grandes Maças de prata, os Corregedores da Corte, e Casa, todos vestidos com muito luzimento, montados em bem ajaezados cavallos, que acompanhavaõ com boas librés os seus Lacayos: seguia-se hum grande numero de coches dos Grandes, Senhores, e Fidalgos, sem precedencia; os coches delrey, e da Rainha com os Officiaes da sua Casa, es de Respeito com hum grande numero de Moços da Estribeira, e os seus Estribeiros em soberbos cavallos bem ajaezados, a que se seguia o magnifico coche de triunfo, em que hia ElRey à mão direita a Rainha, e diante o Infante D. Antonio, e a Infanta D. Francisca, e naõ foraõ os Infantes D. Francisco, e D. Manoel por estarem doentes: era o coche de huma nobre idéa, tirado por oito cavallos murzellos com riquissimas guarnições, cercado de quarenta Moços da Camera, e de tres Companhias das guardas dos Archeiros, todos descobertos, seguidos



### 2.1.3. Aniversários

Frequentemente, os aniversários dos monarcas levavam à organização de festas. Tivemos ocasião de referir o que aconteceu em 6 de Junho de 1775 quando se associou o aniversário de D. José I com a inauguração da estátua na Praça do Comércio. O 6 de Junho foi festejado por diversas vezes ao longo do reinado de D. José I, não se limitando tal facto à capital. Temos conhecimento de festas realizadas no Porto, como aconteceu em 1757 com um grande exercício militar, promovido pelo Governador das Armas, João de Almada e Melo, organizado na Cordoaria<sup>30</sup>, e em Guimarães. Nesta cidade o aniversário era festejado, continuamente com o patrocínio do Senhor de Abadim e Negrelos, Tadeu Luís Lopes de Carvalho, como podemos ver na notícia que vem na Gazeta de Lisboa de 15 de Junho de 1758<sup>31</sup>, ou então com a sua participação como aconteceu no ano anterior:

«Guimarães. 13 de Junho. Nesta Villa [Berço do Santo Rey D. Affonso Henriques, progenitor dos nossos fidelissimos, e muyto Augustos Monarcas] se festejou muy solemnemente o anniversario do Rey nosso Senhor, a que se deu principio no dia 5 do corrente com repiques de sinos, e com o harmonico estrondo de instrumentos belicos. Illuminou-se todo o Palacio, e jardins de Villa flor, delicioza Caza de

---

dos tres Capitaens das guardas, e depois hia a Marqueza de Unhaõ, Camareira môr da Rainha, em huma boa liteira, e em outra a Marqueza de Fontes, Aya da Senhora Infanta, e seis coches, em que hiaõ as Senhoras de Honor, Damas Portuguezas, e Alemãs. À porta de Santo Antonio esperava o Senado da Camera com o seu Presidente Joaõ Saldanha da Gama, que fez a entrega das chaves [...] e o Desembargador André Freire de Carvalho, Vereador mais antigo fez huma elegante Pratica. Depois chegando o coche às escadas da Sé, baixou o Senado com o Pallio rico, debaixo do qual recebeo as Magestades, e Altezas, pegando nas varas o Presidente, e Vereadores, e o Corregedor da Rua Nova, Sindico da Cidade, a quem ElRey fez merce da Toga para supprir hum lugar de Vereador, que faltava: assim levarão as Magestades, e Altezas até à porta da Igreja, aonde ficarão esperando para quando voltassem, os levarem até o coche. O Deaõ de Sé D. Gaspar de Moscoso, Sumilher da Cortina, lançou a agua benta a Suas Magestades, e debaixo do Palio estava hum Conego com a Imagem de Christo Crucificado, que era a mesma, que no dia da Acclamação delRey D. João IV despregou o braço, que Suas Magestades beijaraõ ajoelhando, havendo chegado a almofada o Conde da Calheta Reposteiro môr a ElRey, e à Rainha hum Veador na ausencia do seu Mordomo môr, e depois de se ter cantado o Te Deum com grande solemnidade, se recolherão os Reys ao Paço com o mesmo acompanhamento entre hum concurso extraordinario, aclamações, e vivas do povo».

<sup>30</sup> MELMEZI, Angelo Amado — *Relação do exercício militar com que as tropas de S. Magestade Fideliffima aquarteladas na cidade do Porto applaudiraõ os annos do mesmo Senhor, nos dias cinco, e seis de Junho, s/l. s/d.*

<sup>31</sup> Ver nota 4.

Campo do Senhor de Abadim, e Negrellos, vezinha desta Villa, o que produziu hũa perspectiva muy agradável. No dia seguinte antes de principiar a festa da Igreja, fez função de benzer huma imagem do glorioso S. Francisco o R. P. Fr. Joam de Santa Anna Freire, Pregador Jubilado, e Guardião do Convento desta Villa da Ordem do mesmo Santo. Cantou-se com excellente Musica o Te Deum. Officiou a Missa o M. R. Doutor Ignacio de Carvalho Arcipreste da Real Collegiada de Santa Maria da Oliveira. Cantou o Evangelho o Muito Reverendo Manoel dos Reis da Costa Pego Conego da mesma Collegiada, e a Epistola o Muito Reverendo Dom Leandro, Conego Regrante que foi da Congregação de Santa Cruz. Fez hum elegante Panegirico da piedade, justiça, e mais egregias virtudes de Sua Magestade Fidelissima o Muito Reverendo Padre Fr. Manuel da Guerra, Religioso da Santissima Trindade, que mereceu o geral aplauso, que teve do seu nobre auditorio.

Seguiu-se a este devoto festejo hum magnifico jantar de tres cubertas a todos os convidados, em q̃ se viram com grande abundancia os manjares mais delicados. Todas as saudes que se fizerão à duração do feliz reynado do nosso Soberano, foram applaudidas com os mais suaves sons dos instrumentos. Gastou-se a tarde em se recitarem varias Poesias ao mesmo assumpto da festividade que se concluiu de noite com varias danças.

Tudo executado pela direcçam do mesmo Senhor de Abadim, Tadeu Luis Antonio de Carvalho, que juntamente com a antiga Caza de seus Avòs, foi herdeiro do grande zelo com que todos se empregáram no serviço dos seus, e nossos Soberanos»<sup>32</sup>.

Também do aniversário do Príncipe Regente (futuro D. João VI) temos notícias de festividades relacionadas com esse acontecimento<sup>33</sup>.

«Da Cidade do Porto avisão que no dia anniversario (13 de Maio) do nascimento do Principe N. S. o Tenente General das Armas D. João Correa de Sá, em applauso daquelle faustissimo dia, e para pedir a Deos que haja de prosperar as vidas de toda a Real Familia, mandou fazer huma Festa na Igreja dos Terceiros do Carmo, em que houve Missa com o SS. Sacramento exposto, e no fim o Te Deum, assistindo a ella o dito Governador, e as Pessoas mais condecoradas daquelle Cidade. Seguirão-se áquelle religioso acto as descargas dos Regimentos da Guarnição, os quaes se achavão postados no largo da referida Igreja, ao que corresponderão com suas salvas todos os navios surtos naquelle porto, e as fortalezas. Por fim forão convidadas a jantar com o dito Governador a maior parte das principaes Pessoas que concorrerão à referida Festa»<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 30, Julho, 1757, p. 239.

<sup>33</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit., p. 12.

<sup>34</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 21, Maio, 1976.

Também o dia do patrono do monarca e da sua família era festejado. A isso se refere o conde de Saint-Priest: «Le corps diplomatique à Lisbonne était dans l'usage de

#### 2.1.4. Doenças. Falecimentos. Exéquias

As doenças que atingiam o monarca e os membros da Família Real se não eram, como é evidente, razão para festejos serviam para os seus súbditos manifestarem a sua preocupação e o seu amor à família reinante. Em 1699, logo que o estado de saúde de Dona Maria Sofia de Neuburgo (1666-1699), segunda mulher de D. Pedro II, começou a mostrar «mayor cuidado», iniciaram-se por ordem do rei «muitas rogativas a Deos particulares, a que se seguirão as publicas. Não se via na Cidade mais, que Procissoens por todas as ruas, levando as Imagens milagrosas de humas para outras Igrejas. Na Sé esteve por alguns dias a do Santo Christo dos Passos. Era grande a consternação da Corte, e Povo, que todo pedia com efficazes rogativas a Deos, a vida da Rainha»<sup>35</sup>. O mesmo aconteceu a partir dos primeiros sintomas da doença de D. João V. «Desde o anno de 1742 em que a Vida de ElRey D. João o V N. Senhor foy accõmettida do primeiro assalto aos 10 de Mayó, principiarão logo todos os seus Vassallos a sentir grande temor de q̃., com as repetiçoens da queixa, perigasse inteiramente a saude do Monarcha: e como prevalecia o amor, foy tambem universal o empenho de conservar-lhe a vida. Erão frequentes as supplicas a Deos, por meyo da intercessão dos Santos, para a conservação de huma vida, de que dependia a saude de hum Reyno,...»<sup>36</sup>. Assim, como nos momentos de alegria a Família Real era acompanhada por toda a população do reino, também em períodos de preocupação e tristeza vamos encontrá-la associada aos mesmos sentimentos. O falecimento do Rei ou de um membro da Família Real era, como nos momentos de júbilo, um acontecimento que mobilizava toda a população,

---

se présenter à la Cour à l'occasion des jours de gala qui avaient lieu les jours de naissance ou des fêtes de patron du Roi et de sa famille. Ce monarque (D. José I) les recevait debout au fond d'une longue salle, en présence de ses ministres ou de ses courtisans. Chacun de nous entrait seul et allait faire au Roi son compliment, suivant l'Ordre entre les couronnes». GUINARD, François-Emmanuel (comte de Saint-Priest) — *Mémoires. Règnes de Louis XV et de Louis XVI*, I, Paris, 1929, pp. 89-90.

<sup>35</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., Tomo VII, Coimbra, 1949, p. 419.

<sup>36</sup> MORGANTI, Bento — *Descrição funebre das exequias, que na Bazilica Patriarchal de S. Maria dedicou à memória do Fidelissimo Senhor Rey Dom João V*, Lisboa, p. 2.



ficando «com semelhante notícia desmaiada [...] a alegria»<sup>37</sup> do reino. É esse sentimento que Luís Rafael Soyé<sup>38</sup> transmite quando sobre a morte do príncipe D. José (1761-1788) escreveu:

«Chorai montes, e valles: chorai prados...  
Faunos dos nossos bosques, e Napeias...  
Chore todo o vivente, que respira  
Do Minho, e Guadiana entre as areias»<sup>39</sup>.

Realizado o funeral, muitas vezes efectuado com «splendor, e piedade»<sup>40</sup> sucediam-se as exéquias na capital, nas cidades e vilas do reino e fora dele, que poderiam prolongar-se por muito tempo, como aconteceu com as «pompas fúnebres» por D. João V que duraram mais de um ano já que só terminariam em Novembro de 1751<sup>41</sup>. Com as exéquias concluíam-se as manifestações festivas de alegria e tristeza que acompanhavam a Família Real desde o nascimento à morte.

## 2.2. *As festas da função real*

### 2.2.1. *Auto de levantamento e juramento*

O auto de levantamento e juramento era a primeira grande cerimónia em que o Rei participava após a sua subida ao trono. Seguindo o que se passou com D. João V<sup>42</sup>, vemos que depois das cerimónias fúnebres em honra de D. Pedro II, que duraram de 9 a 19 de Dezembro de 1706, o novo rei recebeu os Conselheiros de Estado, a corte e os «Tribunaes», determinando-se que o auto de levantamento e juramento<sup>43</sup> se realizaria em 1 de Janeiro de 1707.

---

<sup>37</sup> Idem, ibidem, p. 3.

<sup>38</sup> *Noites Josephinas de Mirtilo sobre a infausta morte do Serenissimo Senhor D. Jozé Principe do Brazil dedicadas ao consternado Povo Luzitano*, Lisboa, 1790.

<sup>39</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>40</sup> MORGANTI, Bento — ob. cit., pp. 6-7.

<sup>41</sup> TEDIM, José Manuel — *Teatro da Morte e da Glória. Representações fúnebres nas Exéquias de D. João V na Sé de Braga*, in «Revista de Ciências Históricas», IV, Porto, 1989, p. 281.

<sup>42</sup> SOUSA, D. António Caetano — ob. cit., Tomo VIII, pp. 9-16.

<sup>43</sup> «que havião de fazer os Grandes, Senhores Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas, que tem lugar em semelhantes occasiones».

### 2.2.1.1. *Cerimonial*

Para a cerimónia, que se realizou no exterior do Paço da Ribeira, foi construída uma varanda de madeira<sup>44</sup>, «junto à galária, que corre do canto da Torre, que fica da parte do rio até o outro canto da varanda de pedraria, que fica da parte da terra», e que tomava «todo aquelle espaço de huma, e outra parte no mesmo andar, e altura da outra de pedra, da qual se passava de huma para a outra, que tinha trezentos e setenta palmos de cumprimento, e trinta de largura». No «topo da varanda» que ficava, para o lado do forte, estava «o throno para ElRey, que se levantava em hum estrado grande com quatro degraos, e sobre elle outro mais pequeno com dous, tudo coberto de riquissimas alcatifas». Sobre o segundo estrado estava «huma cadeira de tela carmesim bordada de ouro, debaixo de hum muy rico docel tambem carmesim todo bordado de ouro, e no meyo as Reaes Armas deste Reyno, e na parede, em que se encostava, coberta de dous riquissimos panos de Arraz de seda, e ouro, o da parte direita tinha a figura da Justiça, e o da esquerda, a da Prudencia».

No Terreiro do Paço estavam formados dois Regimentos de Infantaria, «dos Coroneis D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas, e D. Miguel Luiz de Menezes, herdeiro da Casa de Valadares», seis Companhias de Cavalos e ao pé da varanda encontrava-se a guarda dos Archeiros do Rei. O resto da praça estava cheia de «innumeravel gente, assim de Nobreza em carruagens, como de Povo, vendo-se não só todas as janellas, mas os telhados, que ficão para aquella parte, occupados de gente». Na varanda e nos quatro degraus do estrado grande estavam «os Ministros de todos os Tribunaes, Cabido da Sé, Prelados das Religioens, Fidalgos, pessoas do Conselho delRey, Donatarios de terras da Coroa, e Alcaldes môres, todos de pé».

---

<sup>44</sup> «armadas as paredes de riquissimas armações, as columnas de damasco carmesim, e as bases, e assentos das columnas cobertas de pano de veludo carmesim, bordados de ouro com sanefas do mesmo, e entre cada arco se via hum pano de veludo verde bordado de prata com huma tarja, dentro da qual estavaõ as Armas Reaes de ouro, e prata; o tecto da varanda estava ornado todo de panos de veludo, e em boa semetria se admiravaõ huns de côr azul bordados de prata, e de bocado de ouro carmesim, e pelas duas bandas outros de veludo verede, bordados, e franjados de prata com as Armas Reaes bordadas, e todos divididos com espaldares de veludo carmesim bordados de ouro, que igualmente admiravaõ pelo bom gosto, do que pela riqueza; o pavimento todo coberto de finissimas alcatifas da Índia de diversas cores, e grande estimação; o madeiramento por baixo das grades da varanda se armaraõ de excellentes tapeçarias de Arraz, e as janellas do Paço, que cahiraõ sobre a varanda, estavaõ todas com cortinas de damasco carmesim com sanefas de bordado da mesma côr, tudo franjado de ouro, que tudo o que se via, era rico,e magnífico».

D. João V<sup>45</sup>, «pela huma hora da tarde», saiu da sua «Camera, e baixou à salla dos Tudescos», com grande<sup>46</sup> acompanhamento que começava «pelos Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, vestidos com Cotas, e os Porteiros da Cana com Maças de prata, e outros com Canas na mão, e os Moços da Camera». Logo que se iniciou o cortejo, «soarão as trombetas, atabales, e mais instrumentos», que anunciavam a chegada do monarca à varanda, que percorreu, «junto das grades», para ser visto pelo povo. Antes do Rei subir ao trono, o «Reposteiro sobio a descobrir a cadeira», na qual se sentou D. João V, pegando da mão do marquês de Marialva «hum sceptro de ouro esmaltado, que o Thesoureiro da Casa Belchior de Andrade Leitão tinha em huma salva de prata dourada». Depois «que ElRey se sentou, ficando tudo em silencio» o Dr. Manuel Lopes de Oliveira, «do Conselho delRey, e seu Desembargador do Paço», fez «a costumada falla». Terminada esta o reposteiro-mór (Afonso de Vasconcelos e Sousa, 5.<sup>o</sup> conde da Calheta) «poz diante delRey huma cadeira raz de téla carmesim, coberta com hum pano, e huma almofada, e outra aos pés delRey para ajoelhar, tudo da mesma téla, sobre a qual o Bispo Capellão mór (D. Nuno de Ataíde, Bispo de Targa) poz hum Missal aberto, e nelle huma Cruz de prata dourada. ElRey se poz de joelhos, ficando junto à cadeira o Capellão mór, e os Bispos de Coimbra (D. António de Vasconcelos e Sousa), Leiria (D. Álvaro de Abranches), e Guarda (D. António de Saldanha da Gama), que forão testemunhas do juramento, que ElRey fez, para o que posto de joelhos sobre a almofada, mudando o sceptro para a mão esquerda, e dando o chapeo ao Marquez de Marialva, pondo a mão direita sobre o Missal, e Cruz, fez o juramento, e levantando-se ElRey, se sentou, e os Bispos forão para o seu lugar». Após as «formalidades indispensáveis deste auto», iniciou-se o juramento iniciado pelo Infante D. Francisco, seguido pelos irmãos, «Grandes, e Nobreza [...] Bispos, e Prelados». Concluído o juramento, D. João V dirigiu-se para a capela real, «que estava ricamente armada», onde foi recebido pelo bispo capellão-mor «revestido de Pontifical com a Relíquia do Sacrosanto Lenho nas mãos debaixo de hum rico Paleo de téla branca»<sup>47</sup>. De joelhos, o Rei adorou e beijou a relíquia e, acompa-

---

<sup>45</sup> «com Opa Real de téla de prata com flores de ouro, forrada de téla carmesim com as mesmas flores, vestido de veludo com abotoadura de diamantes, e no peito com o Habito da Ordem de Christo em huma Venera, guarnecida também de diamantes de grande valor, espadim da mesm sorte, e no chapeo huma joya, que prendia a aba d'elle, tudo pessoas de grandissima estimação».

<sup>46</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., pp. 11-12.

<sup>47</sup> «de que tinhaõ as varas os Capellães da Capella Real, revestidos de Pluviaes, os Moços da Capella com tochas accesas, o Deaõ da mesma Capella Luiz de Almada, e os mais Capellaens com Cruz alçada».



nhando-a, foi até ao altar-mor «onde estava hum sitial de bocado franjado de ouro «onde ajoelhou e quando a «Música<sup>48</sup> acabou de cantar» o capelão-mor disse a oração, finda a qual o monarca «sobio para o Paço», dando-se fim à cerimónia do auto de levantamento e juramento de D. João V.

## 2.2.2. *Deslocações do monarca e entradas públicas*

A entrada de um monarca numa cidade ou vila levava quase sempre a manifestações de respeito e regozijo por parte dos seus habitantes, ou então a grandes festejos no caso das entradas públicas, designadas também por entradas régias<sup>49</sup>. Do primeiro caso, damos como exemplo a viagem que D. Pedro II fez à Beira entre 28 de Maio e 17 de Novembro de 1704, relacionada com a Guerra da Sucessão de Espanha. Nessa viagem, ao longo do percurso<sup>50</sup>, foi sempre recebido com as honras devidas como aconteceu em Coimbra. D. Pedro II depois de visitar o Mosteiro de Santa Clara, onde «pouco antes de chegar a elle, o esperava o Rector da Universidade D. Nuno Álvares Pereira de Mello com alguns lentes<sup>51</sup>», dirigiu-se para a cidade, onde à entrada estava a «Camera em cerimonia, e depois de huma Oração, entregou as chaves a ElRey hum Vereador, como de costume; e com luminárias, e repiques, applaudio a sua chegada, obséquio, que em toda a parte, que entrava, lhe fazião com fiel affecto os seus leaes Vassallos»<sup>52</sup>. Saindo o Rei de Coimbra em 23 de Agosto, em 27 a cidade recebia, com todas as honras<sup>53</sup>, o arquiduque Carlos, que aclamado rei de Espanha em Viena em 12 de Setembro de 1703<sup>54</sup>, resolveu fazer de Portugal base das suas operações contra Filipe V, entrando em Lisboa em Março de 1704 como Carlos III<sup>55</sup>.

Como exemplos de entradas públicas e do respectivo cerimonial iremos referir as que D. João V fez em Setúbal (1711) e a Santarém

---

<sup>48</sup> «o Hymno Te Deum laudamus».

<sup>49</sup> ALVES, Ana Maria — *As entradas régias portuguesas. Uma visão de conjunto*, Lisboa, s/d.

<sup>50</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., Tomo VII, pp. 314-316.

<sup>51</sup> «que por ser tempo de ferias, e a mayor parte dos Lentes terem se recolhido a suas casas, por esta causa não dez a Universidade mayores demonstrações».

<sup>52</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., p. 316.

<sup>53</sup> Idem, ibidem, p. 318.

<sup>54</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo — *História de Portugal (1640-1750)*, Tomo V, Lisboa, Verbo, 1980, p. 226.

<sup>55</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., pp. 296-301.

(1713). A primeira teve como finalidade pagar uma promessa que tinha feito durante uma doença de D. Pedro II. Nessa altura o então Príncipe do Brasil, «entre outros votos, com que implorou de Deos a desejada saude delRey seu pay, fez de ir visitar huma milagrosa Imagem de Nosso Senhor com o titulo do Senhor Jesus do Bom Fim», que se encontrava numa ermida da mesma invocação em Setúbal. Encontrando-se o rei em Azeitão «determinou satisfazer aquella romaria, e depois ficar alguns dias na mesma Villa». Logo que os moradores de Setúbal receberam a notícia de que D. João V iria honrá-los com a sua presença, pediram que o fizesse com «entrada pública», o que «ElRey benignamente lhe concedeo, para o que ordenou se dispuzesse tudo na antiga fórma praticada neste Reyno em semelhante occasião». Após a visita à ermida em cumprimento da promessa<sup>56</sup>, dirigiu-se D. João V acompanhado pela sua comitiva para a vila, dando-se assim início à entrada pública:

«Distante cem passos da porta da Villa esperava a ElRey o Prior da Igreja Matriz de Santa Maria da Graça revestido com cappa de Asperges, acompanhado dos Freires da Ordem de Santiago, de quem he a Igreja, em corpo de Comunidade com Cruz diante, e com o veio de hombros tinha o Prior na mão huma Cruz de prata liza. Neste lugar se appearão as pessoas, que acompanhavão a ElRey, excepto o Estribeiro môr; deu o Prior a Cruz a beijar a ElRey, o que fez debruçando-se do cavallo quanto pode, com singular respeito, e devoção. Hião os Grandes, e todos os mais a pé, e descobertos, diante do cavallo delRey, e os Freires em duas alas, e no meyo a Corte; a Guarda Tudesca cobria tudo por huma, e outra parte, e nesta ordem chegarão à porta da Villa, onde em hum theatro levantado o Juiz de Fôra Sebastião Salema Pessanha fez huma breve falla, rendendo-lhe as graças da honra, que fazia àquella Villa, e louvando juntamente a sua justiça e clemencia. A porta da Villa estava ornada com hum Arco triunfal, em que se lião diversos emblemas, e o Vereador mais velho Mathias da Sylva Cabral, que estava com o corpo do Senado, todos com varas, em huma salva de prata dourada offereceo as chaves a ElRey, dizendo lhe que aquelle era o geroglyfico dos corações de todos aquelles Vassallos. ElRey pegando nellas, as tornou a pôr na salva, e largando os Vareadores as varas, pegarão nas de hum rico Palio de téla branca, em que receberão a ElRey, indo todos os Grandes, e mais acompanhamento a pé, e descobertos, excepto o Estribeiro môr (Fernando Teles da Silva, 2.º marquês de Alegrete), por preeminencia do seu officio, que costuma ir detraz delRey, mas fôra do Palio. Não havia na Villa de

---

<sup>56</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., Tomo VIII, p. 61.

«Chegou ElRey à Ermida do Senhor do Bom Fim com os Infantes. Estava o Rocio da Ermida, que he muy grande, com hum numeroso concurso de gente, e com inexplicavel alegria daquelle povo, se ouviaõ os seus leas affectos em repetidos vivas.

Fez ElRey oração, e cumprida a promessa...».

Setuval Alcaide môr, posto que anda na casa de Aveiro, [...]: e devendo El Rey nomear pessoa para o levar de redea, nomeou para esta honra ao Duque D. Jaime seu cunhado (o 3.º duque de Cadaval estava casado com Dona Luísa filha legitimada de D. Pedro II), que a pé, e descoberto, o levou por hum listão, e na ausencia do Estribeiro Manoel Galvão, fez o officio João Xavier da Sylveira, Guarda-Roupa delRey, e Estribeiro da Rainha, occupando o lugar, que lhe tocava: e nesta fôrma por entre hum grande concurso de gente, e tres Arcos triunfaes de huma perfeita idéa, as janellas todas vistosamente armadas, com muitas danças, e geral contentamento dos seus Vassallos, chegou ElRey à Igreja Matriz, onde se apeou, ficando fóra da porta os Vereadores com o Palio. O Bispo Capellão môr deitou agua benta a ElRey, e o Prior revestido lhe tornou a dar a beijar a Cruz, e debaixo do Palio, que levavão os Freires com sobrepelizes, e a Murça da Ordem, foy ElRey para o sitio, que estava preparado, e depois de breve oração, voltando, montou a cavallo na mesma fôrma até o Paço, e mandou dar liberdade aos prezos. A Praça, Fortalezas, e navios, que estavam naquelle porto, salvarão a ElRey com repetidas descargas de artilharia, e por tres dias houve luminarias, e diversos artificios de fogo, e na Praça houve Touros, que correo o Ajudante da Cavallaria António Antunes. De tudo se agradou ElRey, mostrando estimação dos obséquios, que lhe tributavão os seus Vassallos»<sup>57</sup>.

A entrada pública em Santarém<sup>58</sup> seguiu o mesmo ritual da de Setúbal, já que foi realizada com «toda aquella formalidade costumada dos antigos Reys em semelhantes occasioens»:

- entrada a cavallo, levando a rédia D. Fr. Lopo de Almeida, Comendador de Malta<sup>59</sup>, de baixo do pálio<sup>60</sup>, indo atrás o estribeiro mor «como se pratica em semelhantes occasioens»;
- D. João V entrou pela porta de S. Mansos, onde o esperavam «o Magistrado, Clero, Religioens, e o Militar da Villa da Villa, sendo precedido dos trombetas, timbales, e aboazes, montados a cavallo, a que se seguião os Porteiros das Canas com Maças, Reys de

<sup>57</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., pp. 61-63.

<sup>58</sup> Idem, ibidem, pp. 99-101. Estando a Família Real em Salvaterra, em Janeiro de 1713, «determinaõ ir à Villa de Santarem, que dista de Salvaterra quatro legoas, a adorar o Santo Milagre, e algumas Imagens, que de tempos antigos se veneraõ com grande devoção».

<sup>59</sup> «na ausencia do Conde de Assumar seu irmão, Alcaide môr desta Villa, que estava por Embaixador Extraordinario na Corte de Barcellona, a quem tocava esta função».

Tratava-se de D. João de Almeida Portugal, 2.º conde de Assumar.

<sup>60</sup> «Levaraõ os Vereadores da Camera da Villa as varas do Palio».



Armas, Arautos, e Passavantes a pé, Justiças da Villa, e a estes o Corregedor do Crime da Corte, e Casa, o Porteiro da Camera, os Fidalgos, Criados, e Grandes, todos a pé»;

- à entrada da porta «o Juiz de Fóra» fez uma breve oração e o vereador mais antigo entregou a D. João V as chaves, dirigindo-se então à Colegiada de Santa Maria da Álcacova «onde apeando-se, foi recebido com outro Palio rico pelos Cónegos da Collegiada, que em corpo de Cabido o esperavão, conforme o que ordena o Ritual Romano: feita a oração, voltou ElRey, e montando a cavallo», dirigiu-se para a residência que lhe estava destinada.

Tendo entrado em Setúbal D. João V em 30 de Janeiro com o cerimonial descrito, este repetir-se-ia no dia seguinte com a entrada pública de Dona Maria Ana de Áustria:

«fez a Rainha a sua entrada pública na mesma Villa pella porta de Manços, por onde ElRey entrara, onde a esperava na mesma forma o Clero Secular, e Regular, e os Vereadores; a Rainha, que vinha em coche, se apeou, e entrou em huma cadeira de mãos muy rica, e chegando aonde a esperavão os Grandes, e Officiaes da Casa delRey, e os da sua Casa, a forão acompanhando a pé, e descobertos [...]. Depois de se meter debaixo do Palio, caminhou a Rainha até onde estava o Arcediago revestido, que lhe deu a Cruz a beijar no mesmo lugar, em que já fizera a ElRey, para o que se apeou o Marquez das Minas (D. António Luís de Sousa, 2.º marquês das Minas) seu Estribeiro môr, que hia a cavallo atraz da cadeira, e mandando-a a Rainha parar, abriu o Marquez a portinholla, quanto bastou para a Rainha beijar a Cruz em pé, e o Clero começou a entoar os salmos, que dispõem o Ritual; e voltando na mesma forma, que se havia praticado com ElRey, se foy seguindo a procissão diante da Corte, que hia immediata à cadeira, em que hia a Rainha; e assim ao entrar da porta, da banda de fora estava em hum balcão de madeira o Magistrado, e o Vereador mais antigo, que servia na ausência do Juiz de Fóra, lhe fez huma breve Oração, e lhe offereceo as chaves, que a Rainha tomou da salva, e lhas tornou a pôr, e tomarão os Vereadores as varas do Palio debaixo do qual hia a Rainha na cadeira, e detraz della o Marquez das Minas a cavallo, que a guarda dos Archeiros cobria: seguirão-se os coches das Damas, e Acefatas, e nesta fôrma chegou à Collegiada, e se apeou fora da porta, e a receberão com o Palio à porta da Igreja: da parte de dentro estava huma alcatifa, e chegando a Rainha, o Duque de Cadaval, seu Mordomo môr, lhe poz huma almofada para ajoelhar, e beijar a Reliquia, e deitando-lhe água benta o Cardeal da Cunha Capellão môr, se foy a Rainha para o sitial; e depois dos Cónegos cantarem o Te Deum, e as Orações determinadas em semelhantes actos, voltou debaixo do mesmo Palio até à Porta da Igreja, e ficando o Clero, as Religioens se retirarão, e a Rainha entrou na cadeira, acompanhada de toda a Corte, debaixo do Palio, e passando pela Igreja

de Nossa Senhora da Piedade, Imagem de grande devoção, fez a Rainha oração, e se recolheu às casas, que lhe estavam preparadas pelo Aposentador môr o Conde de Santiago»<sup>61</sup>.

A estas festas da função real teríamos, como já referimos, que acrescentar a participação do monarca na procissão do Corpo de Deus e o cerimonial de recepção dos embaixadores. No século XVIII houve duas ocasiões que serviram para mais uma vez os portugueses mostrarem o seu amor à dinastia de Bragança. Os motivos para tal facto vamos encontrá-los no atentado contra D. José I, em 1758, e o início da regência oficial, em 1799, do Príncipe do Brasil que tinha assumido o governo do reino desde 1792.

Na *Gazeta de Lisboa* de 1759 são frequentes as notícias de manifestações de repúdio pelo «execrãda treyção»<sup>62</sup> e de regozijo por «se achar bem convallecido da sua grande queixa o nosso Augusto Monarca»<sup>63</sup> como podemos exemplificar com o que se passou em Vouzela e Penafiel (Arrifana de Sousa):

---

<sup>61</sup> SOUSA, D. António Caetano de — ob. cit., pp. 101.102.

O aposentador-mor era Aleixo de Sousa da Silva e Meneses, 2.º conde de Santiago de Beduído.

<sup>62</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 14, Abril, 1759.

«Guimaraens 30 de Março. Publicado nesta Villa o Real Decreto, pelo qual S. Mag. Fidelissima fez presente a todos os seus fieis Vassalos, o atrevido insulto, que na noyte de 3 de Setembro se executou contra a sua real pessoa; fez logo o Rev. Cábido da nossa Igreja Collegiada, cantar nella o Té Deum com assistencia do Senado, Communidades, e Nobreza. Continuou depois hu Triduo solemne com o Senhor Exposto, e houve nas tres noites luminarias por toda a Villa: acabando-se este festejo com huma procissão, em q̃ sahio a milagroza Imagem de N. S. da Oliveira. Considerando o Rev. Jozê Bernardo de Carvalho Conego Prebendado da mesma Collegiada, e Filho do Senhor de Abadim, e Negrellos Thadêo Antonio Lopes de Carvalho, que esta veneravel Imagem foy sempre a Patrona dos Serenissimos Reys de Portugal, mandou com fervorozo zello esculpir duas images muy semelhantes, que benzeu no dia 25 de Março o M. R. Doutor Francisco Jozé Pereira, Chantre da mesma Collegiada, com assistencia de todo o Cabido; havendo-se armado magnificamente a Igreja, e exposto nella o Senhor todo o dia: e recitando de tarde hua Oração Gratulatoria o M.R.P. Fr. Christovão de S. Boaventura, Mestre dos Estudantes: Acabou este acto com o canto do Té Deum, a que assistiu tambem o Sennado, Cõmunidades, e Nobrezas. Haviam-se ajuntado as ordenanças, que fizeraõ varias descargas. Iluminou-se de noyte toda a Villa, e foy universal o aplauso do Põvo». *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1759.

<sup>63</sup> «Caminha 20 de Janeiro. Com a noticia que recebeu de se achar bem convallecido da sua grande queixa o nosso Augusto Monarca mandou o Reverendo Reytor da Igreja de S. Pedro de Seyxas no termo desta Villa Francisco de Sousa Morim, iluminar na noite de 24, e 25 de Janeiro a torre da Igreja as cazas da sua residencia, e dos mais moradores acompanhando esta luzida demonstraçam de contentamento com repiques continuados, e no dia 6 expondo o Santissimo Sacramento na sua Tribuna com



- «Vouzella 30 de Março. Como todos os moradores das terras do Reyno, fazem publico o aplauzo, com que receberão a noticia da milagrosa saude de S. Mag., querem os desta Villa, q. saiba tambem o Mundo, que chegando a ella tam estimavel noticia a 14 de Janeiro, se festejou logo na mesma noyte com luminarias geraes, q. durarão até o romper do dia seguinte, e com varios arteficios de fogo. Na manham seguinte se expoz na Igreja Matriz o Santissimo Sacramêto; cantou-se missa solenne: Prêgou sobre a causa do festejo com muita erudição o M. R. P. M. Fr. Jozê do Spiritu Sancto, Presidente que foy do Convento dos Capuchos da Villa de S. Pedro do Sul, e de tarde se cantou com a mesma Musica da manham o Tê Deum, em acção de grassas por tão grande mercê: assistindo a todos estes actos o Senado da Camara, a Nobreza, e grande quantidade Pôvo»<sup>64</sup>;
- «Arrifana de Souza 15 de Mayo. Vendo o Senado da Camara desta Villa o excessivo gosto, e cordial consolação que os Moradores della receberão ouvindo, que a Onnipotente mam do Altissimo livrou ao nosso amadissimo Monarca do assassinio, em que os seus Inimigos pretenderão tirar-lhe a vida, e da queixa que delle resultou, rezolveu fazer patente este jubillo, destinando o dia 24 de Fevereiro para acção publica de graças na Igreja Matriz, que fez armar nobremête, e Exposto o Santissimo se cantou o Té Deum, e recitou com a sua costumada elegancia, e engenhoza agudeza huma Oração gratulatoria o M.R.P. Prégador Fr. Joam de Sam Placido, Monge da Ordem Benedicta, e Prior do seu Convêto da Cidade do Porto, com assistencia de muyta nobreza, Pôvo, Confrarias, e Ordenanças de todo o Concelho de Penha fiel; e porque o tempo continuou rigoroso com chuvas, e tempestades, rezervou para depois da Quaresma os mais festejos, que tiverão principio em 28 de Abril, e continuarão até 6 do corrente com luminarias de vistozas perspectivas todas a noyte, acompanhadas sempre de repiques, e de vivas ao nosso Soberano»<sup>65</sup>.

---

imensidade de luzes, celebrou com toda a solemnidade hua Missa cantada com Musicos, que fez ir desta Villa à sua custa em acção de graças a Deos nosso Senhor pela grande mercê que fez a este Reyno, por conservar a vida de hum Soberano tão cheio de bondade. Prêgou sobre este assumpto com grande eloquencia, e erudição o Licenciado Antonio da Rocha Guereiro Presbytero do habito de S. Pedro, e natural da freguesia de S. Martinho de Lanhellas, que fica mistica com a de S. Pedro de Seixas. Acabada a Missa se cantou o Te Deum Laudamus a que se seguiu huma Procissão solemne, havendo assistido a tudo muita gente desta Villa, e das freguezias vizinhas, e huma grande immensidade de Povo». *Gazeta de Lisboa*, n.º 15, Abril, 1759.

<sup>64</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 25, Junho, 1759.

<sup>65</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1759.

«Tambem a veneravel Ordem terceira de S. Francisco fez cantar pela mesma causa o Te Deum, na Igreja do Convêto de S. Antonio dos Religiosos da Provincia da Soledade, com dois coros de Musica, assistindo estes todos à missa solemne. De tarde prêgou o M.R.P. Fr. Augustinho de Boussas, Cômmissario Vezitador, Ex-Guardião da Missão de Cabo Verde, e do Convento de Penamacôr, com muita erudição, e energia,



Em 1799, novamente os portugueses tiveram um motivo para poderem manifestar o seu amor à dinastia reinante servindo de pretexto o início da regência do futuro D. João VI. Para comemorar tal facto, o desembargador Francisco de Almada e Mendonça «ordenou hum Festim» que se realizaria no Porto nos dias 24, 25 e 26 de Agosto, o que lhe permitia não só satisfazer «o seu zelo patriótico» mas também mostrar o «amor que consagra a toda a Família Real». Para o efeito realizaram-se os seguintes actos:

24 de Agosto — «na Casa da Assembleia do Real Theatro do Principe com huma Serenata, a que assistirão as Senhoras da primeira qualidade, o Corpo da Relação, toda a Officialidade, não só dos Regimentos que formão a Guarnição da Cidade, mas tambem os que alli se achavão das tres Provincias do Norte, e as mais Pessoas de distincção. Houve hum abundante e delicado refresco, que se servio com melhor ordem ao immenso numero de Pessoas que se achavão nas tres Salas daquelle edificio; depois do qual forão cantadas as Virtudes que adornão o nosso Grande Principe pelos mais distinctos engenhos da referida Cidade, os quaes em eloquentissimas peças derão bem a conhecer

---

e se concluiu este solenne acto com huma procissão q̃ se formou de toda a Ordem Terceira, Ecclesiasticos, Nobreza, e Pôvo, e percorreu por toda a Villa; levando nella o Santissimo, que todo o dia se adorou exposto, o M.R.P. Prégador Fr. Antonio de Azurara Guardião do mesmo Convento. Hiam tambem na dita procissão muitos, e bem ordenados andores, tudo à custa da Veneravel Ordem. A Irmandade da Misericordia celebrou tambem no seu magnifico Templo, hua particular acção de Graças pelo mesmo Beneficio, fazendo expor o Santissimo todo o dia, e cantar o Tè Deum, prégando com a sua natural elegancia, e vasta erudição o Doutor Francisco Gracez, Capellão Mòr da mesma Caza assistindo a tudo a sua Irmandade com seu Provedor actual o R. P. Jozè Pinto Soares, e seu Escrivão o Doutor Jozé Pereira Ferráz. Esta festividade se fez no primeiro de Mayo, nas tardes de 2, e 3 houve combate de touros. Os Estudantes festejaram na manhan do mesmo dia 3 na Igreja Matriz outro acto semelhante, prégando o R. P. Prégador Fr. Filipe do Porto da Provincia da Soledade, Guardião que foy dos Conventos de Abrantes, e Azurara. A 4 se fez huma Academia na Igreja da Misericordia, que estava toda illuminada, e principiando pelas 7 horas da noyte, acabou pelas 11, sendo o assumpto de todas as Poesias que nella se recitaraõ o jubilo q̃ resultou a todo o Reyno, e especialmente a esta Villa, do prodigio de livrar S. M. Fidelissima de taõ atrevido, e perigozo insulto. Foi nella Presidente o Doutor Francisco Teixeira da Mota, e todas as obras que se fizeram em differentes métros, se alternavam com suaves sonetos de Musica. A 5 houve excelentes bailes, e de noyte huma vistoza encamizada. Acabou a 6 o festejo da nossa Villa, com a representação de huma Comedia publica intitulada El Principe prodigioso, com huma loa, sainetes todos bem adequados aos incidentes do sacrilego crime do insulto».

o amor dos Portuguezes para com os seus Monarcas. Á mesma Sala concorrerão diferentes mascarar, em cujos vestidos se via o gosto a par da grandeza, os quaes depois de espalharem varias peças Poeticas, allusivas ao nobre motivo do Festejo, mostrarão em bem compostas contradaças o seu prazer e contentamento, durando este brilhante espectáculo até ás duas horas da noite com satisfação de toda aquella luzida Companhia»;

25 de Agosto — «por convite do mesmo Magistrado se acharão na Real Casa Pia o Corpo da Relação, e parte do Corpo Militar e Nobreza, a quem foi servido hum grandioso jantar; e na última cuberta houve huma saude feita pelo mesmo Magistrado a Sua Alteza Real, e applaudida com immensos vivas de toda a Companhia; fazendo-se ao mesmo tempo sinal aos Bergantins de Sua Magestade Gaivota, Real João, e Real Pedro, que se achavão fundeados no ancoradouro daquella Cidade, os quaes responderão logo com tres salvas, imitando o seu exemplo todos os Navios do Commercio alli surtos, que bem como os precedentes se achavão embandeirados. A Companhia toda se dirigio depois á Casa da Assembleia, onde se entreteve até que no Real Theatro se deo principio à representação, que começou por hum Elogio Dramatico, intitulado a Vassalagem do Douro, composto pelo Doutor Antonio Soares, e João Baptista Gomes Júnior, o qual foi ouvido com toda a satisfação; seguiu-se-lhe hum novo Drama, que tem por titulo Maria Teresa em Landau, arranjado para a Scena Portuguesa por José Manoel de Abreu Lima, e no fim do qual se cantou hum Terceto do bem conhecido Sarti, e poz termo ao divertimento a dança denominada o Enganador Enganado»;

26 de Agosto — «houve outro diferente Drama»<sup>66</sup>.

Desta forma mandou festejar Francisco de Almada e Mendonça o início da regência acompanhando «o prazer e a satisfação em que todos andavão» o que permitia «ver o grão do amor que os Portuenses»

---

<sup>66</sup> «Naquelles tres dias mandou o mesmo Magistrado dar de jantar a todos os prezos, que se achavão nas diversas Cadeias; e em todas as tres noites se illuminou a Real Casa Pia, O Real Theatro, e a seu exemplo toda a Cidade». *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, Setembro, 1799.

consagravam «aos seus Soberanos, e a lealdade com que em todos os tempos se tem distinguido entre toda a Nação Portuguesa». Pelo mesmo motivo, o negociante do Porto Joaquim Novais Moreira mandou iluminar e embandeirar, na noite de 23 de Agosto a torre da igreja dos Clérigos, «entre o estrondo de algum fogo», onde mandou rezar no dia seguinte uma missa seguida de Te Deum<sup>67</sup>.

### 3 — Comunicação e divulgação da razão da festa

Todas as festividades relacionadas com a Família Real, principalmente as que estavam associadas com o ciclo humano da família reinante, tinham como ponto de partida a comunicação do acontecimento que daria origem aos festejos. Assim uma Carta Régia anunciava às entidades mais representativas da cidade ou vila o facto que aquelas iriam comemorar. Recebida da Corte a participação, as diversas entidades escreviam-se mutuamente fazendo-o também a diversas instituições dando a notícia e convidando-se reciprocamente a assistirem às festas, que previamente já estavam programadas, ou então para combinar e marcar certos actos festivos como podemos ver numa carta de 3 de Junho de 1797, escrita por parte da Câmara do Porto<sup>68</sup> para o Cabido da mesma cidade, e relacionada com os festejos para comemorar o nascimento da Infanta Dona Maria Isabel (1797-1818):

«Em observancia das Reaes Ordens de Sua Magestade nos pareceu proprio o dia 11 do corrente mez para se celebrar festa solemne com Missa Pontifical, e sermão que ha de recitar o Padre Mestre Doutor Frei Bartholomeu Brandão cantando-se de tarde o Te Deum Laudamus com procissão...»<sup>69</sup>.

A segunda fase seria a divulgação da notícia pela população da cidade ou da vila. Aquela fazia-se principalmente através do bando, que percorria a cidade informando sobre o acontecimento e convidando a população a participar nos festejos<sup>70</sup>:

---

<sup>67</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, Setembro, 1799.

<sup>68</sup> Assinavam a carta: Francisco de Almada e Mendonça; José Cirne de Sousa de Madureira e Joaquim de Vasconcelos Cardoso de Meneses.

<sup>69</sup> Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Cabido, n.º 1632, fl. 65.

<sup>70</sup> Sobre a comunicação e divulgação da razão da festa ver: FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B — ob. cit., pp. 13-16, pp. 53-55 e pp. 56-57.



«De Castelo de Vide avisão que o Juiz de Fora daquela Villa o Doutor Francisco de Paula de Sequeira Barreto, que está servindo de Corregedor da Comarca, assim que recebeu a 4 de Maio a notícia do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira (Dona Maria Teresa), fez convocar no dia seguinte a Camara, e logo dispoz tudo para se celebrar huma acção de graças ao todo Poderoso pelo incomparavel beneficio, que este Reino acabava de receber: por cujo motivo fez deitar bando para 3 noites de luminarias»<sup>71</sup>;

«O Senado da Camara da notavel villa de Setubal, ansioso de marcar a sua antiga, e constante fidelidade, estava prevenido a demonstralla logo que tivesse a suspirada participação do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira (Dona Maria Teresa); e tanto que a teve, mandou publicar esta festividade no dia 30 de Abril com hum luzido bando, que acompanharão os filhos da Casa dos Vinte e quatro, Neto, e Porteiro, vestidos de capa e volta, e ornados de cocares, montados todos em bem ajaezados cavallos»<sup>72</sup>.

Por vezes, a saída do bando transformava-se na primeira grande manifestação festiva já que assumia a forma de um cortejo de gala que percorria as ruas da cidade. Tal aconteceu na Vila Real do Sabará (Minas Gerais) quando das festas do nascimento da Infanta Dona Maria Teresa efectuadas em 1794<sup>73</sup>:

«Chegada pois a estação propria, se annunciárão as festas no dia 22 de Abril por hum Bando solemne, a que concorrêrão 22 Pessoas da Governança, vestidas de Corte com capas bandadas de sedas ricas, cocares magníficos, e ricamente paramentadas, e montadas em soberbos cavallos elegantemente jaezados, acompanhando o Procurador da Camara, que lia o Bando, repetindo em voz alta o Porteiro, que hia igualmente vestido de Corte, e o Alcaide da Villa, precedendo a todo este pomposo acto a figura da Fama ricamente vestida á tragica, com dous Andarilhos ao lado, que em salvas espalhavão pelo Povo em hum Soneto o mesmo, que sobre as festas se annunciava no Bando, e com o instrumental de sopro, que precedia a tudo, desde logo infundio a maior alegria no Povo, e huma idéa verdadeiramente magnifica de todo o festejo, que se destinava».

---

<sup>71</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1793.

<sup>72</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Julho, 1793.

<sup>73</sup> *Relação das festas, que fez a Camara da Villa Real do Sabará na Capitania de Minas Geraes por ocasião do feliz nascimento da Serenissima Senhora Princeza da Beira*, Lisboa, 1794.

A notícia chegou a Sabará em Outubro de 1793, «e porque a estação chuvosa não permitia por então as festas de rua» estas foram marcadas para Abril de 1794.

#### 4 — Promotores dos festejos

Ainda que os principais promotores dos festejos sejam os poderes públicos, encontramos outras entidades — religiosas, militares, e civis — que colaboram com aqueles ou então organizam, por iniciativa própria, manifestações festivas que servem para mostrar o «jubilo» pelo acontecimento e principalmente «dar ao mesmo tempo hum público testemunho da sua fidelidade á Casa Real»<sup>74</sup>. Entre os diversos promotores destacamos:

##### 4.1. *Senado da Câmara*

«O Senado da Camara da Villa da Vidigueira, recebendo a noticia do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, determinou fazer huma função, em que mostrasse o prazer que lhe causava tão desejado successo»<sup>75</sup>;

##### 4.1.1. *Juiz de Fora*

«Escrevem de Alter do Chão que apenas alli chegou no dia 3 de Maio a suspirada noticia do faustissimo Nascimento da Princeza da Beira, o Juiz de Fóra, daquella Villa Francisco Xavier do Rego Aranha, desejando dar os mais públicos testemunhos da sua gratidão e fidelidade, convocou immediatamente a Nobreza e Povo com o Clero Secular e Regular nas Casas da Camara onde recitou huma eloquente Oração bem analoga ás presentes circunstancias...»<sup>76</sup>;

##### 4.2. *Provedor da Comarca*

«Logo que o Provedor da Comarca de Lamego, Sebastião Saraiva de Sampaio, recebeu a fausta noticia do Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, possuido daquelle prazer, que he inseparavel do seu conhecido patriotismo, fez illuminar por tres noites successivas a frente das casas da sua habitação com huma magnifica e nova perspectiva, pois ardendo mais de 1.500 luzes, sem outro socorro mais que o da sua delicada disposição, representavão clarissimamente as

---

<sup>74</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, Setembro, 1793.

<sup>75</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 29, Julho, 1793.

<sup>76</sup> *Suplemento extraordinário à Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1793.

armas de Portugal, e em Cifra os Augustos nomes dos nossos Serenissimos Principes; o que motivou hum gosto universal, e mereceo hum geral applauso»<sup>77</sup>;

#### 4.3. *Juiz do Povo*

«O Juiz do Povo de Santarem, com os Membros da Casa dos Vinte e quatro, em nome do Povo que representam, querendo mostrar o seu justo prazer no faustissimo Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, fez celebrar, em acção de graças, na Igreja do Santo Milagre daquella Villa no dia 23 de Junho, huma solemne Missa...»<sup>78</sup>;

#### 4.4. *Arcebispo de Braga (D. Fr. Caetano Brandão)*

«Chegando a desejada noticia do feliz parto da Serenissima Princeza N. S. á Cidade de Braga no dia 3 de Maio ás 7 horas da manhã, logo o Excellentissimo e Reverendissimo Arcebispo Primaz, depois dos sinos haverem communicado a todos os Bracarenses esta gostosa nova, fez cantar na Cathedral o Te Deum em acção de graças ao Omnipotente, por ter favorecido o Reino de Portugal com hum grande beneficio, com o nascimento da Serenissima Princeza da Beira»<sup>79</sup>;

#### 4.5. *Conventos — Convento de Cristo (Tomar)*

«Os Freires do Real Convento de Thomar, levados do zelo, e amor, com que respeitão aos seus Augustissimos Soberanos, depois de terem feito tres dias de Preces com o Santissimo exposto pelo bom sucesso da Princeza N. Senhora, tanto que este lhes constou, em acção de graças, celebrou o seu Prelado a 3 de Maio, Missa de Pontifical com o Santissimo exposto todo o dia; e de tarde houve huma magnifica Procissão, cantando-se no fim o Te Deum»<sup>80</sup>;

#### 4.6. *Militares*

«Logo que constou ao General em chefe do Exercito Portuguez na Catalunha o feliz parto da Princeza Nossa Senhora, o fez participar ao mesmo Corpo com estas expressões tão proprias dos seus puros

---

<sup>77</sup> Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa, n.º 36, Setembro, 1793.

<sup>78</sup> Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa, n.º 27, Julho, 1793.

<sup>79</sup> Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa, n.º 23, Junho, 1793.

<sup>80</sup> Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa, n.º 21, Maio, 1793.



sentimentos: Hoje tenho o gosto de dar ao Exercito do meu commando a mais alegre e importante noticia, fazendo-lhe certo que tendo sido ouvidas as nossas súplicas, o Entre Supremo nos deo com o melhor successo da Augusta Mãe hum Principe<sup>81</sup> robusto. Poucos minutos passarão que se não visse nestes acantonamentos a scena mais digna da lealdade Portugueza: os soldados felicitando-se huns aos outros; os Officiaes de cada Corpo indo ao quartel dos seus Chefes, e todos juntos ao Quartel General para alli se darem mutuamente os parabens, deixando ler nos seus semblantes hum contentamento que se não sabe descrever. Os Officiaes do Exercito nosso alliado, sensiveis ao prazer em que vião os Portuguezes, corrião com elles a fazer na presença do General Forbes expressões sinceras do seu jubilo, de sorte que este Quartel General se assimilhava a huma brilhante Corte naquelles dias em que os vassallos concorrem a mostrar a sua satisfação na presença do Soberano que faz a sua felicidade»<sup>82</sup>;

#### 4.7. *Real Fábrica de Galões*

«Os Officiaes do ouro, e galões da Real Fabrica de S.M. querendo dar publicas demonstrações do seu agradecimento pelo beneficio, que o Principe N. S. levado da sua natural benignidade, houve por bem fazer-lhes; e desejando tambem manifestar o seu interno jubilo por verem continuada a successão da Monarquia Portuguesa no feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira: fizeram cantar solememente com o Santissimo exposto na Real Ermida de N. Senhora do Monserrate huma Missa, e Te Deum...»<sup>83</sup>;

#### 4.8. *Negociantes estrangeiros*

«De Setubal avisão que tanto que alli chegou a noticia do feliz Nascimento da suspirada successora da Monarquia Portuguesa, o Vice-Consul da Nação Siciliana, unido com os Negociantes da Nação Malteza, moradores na dita Villa, desejando testemunhar ao mundo todos os generosos sentimentos de fidelidade, e gratidão que professão a Suas Magestades e Altezas, determinarão, por tão plausivel motivo, render ao Omnipotente as devidas graças...»<sup>84</sup>;

---

<sup>81</sup> Tratava-se do Infante D. António.

<sup>82</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 28, Maio, 1795.

<sup>83</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 24, Junho, 1793.

<sup>84</sup> *Suplemento extraordinario à Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1793.

#### 4.9. *Academias — Academia dos Obsequiosos (Sacavém)*

«A 30 do mez passado, em que teve sessão a Academia dos Obsequiosos do lugar de Sacavem, de que he Orago N. Senhora da Victoria, e Santo Antonio, e Protectores S. M., e toda a Real Familia, em applauso á feliz sucessão dos Nossos Principes, e aos annos de toda a Real Casa Reinante, fez dizer varias Missas o Capitão João Dias Talaya, dando de manhã jantar aos pobres; e de tarde na Ermida da Preclarissima D. Clara Rosa de Moura fez cantar huma Ladainha com seu Sermão, de que foi Orador o R. P. Antonio Pereira. Depois houve Academia, a que presidio o R. P. M. D. Luiz do Carmo, e em que se recitarão varias Obras em Prosa, e em Verso, todas em obsequio da Familia Real. A noite ouve illuminação, fogo de artificio; huma decente cea para os convidados, e o mais com que annualmente se esmera o dito Capitão, cujo zelo todos applaudirão, mostrando-se muito satisfeitos da função»<sup>85</sup>;

#### 4.10. *Particulares*

«A 17 deste mez fez Anselmo José da Cruz cantar, na Igreja Paroquial de Santa Isabel (Lisboa), Missa de Pontifical, e o Te Deum em acção de Graças pelo nascimento da Serenissima Princeza da Beira. Para esta função foi convidada toda a Corte, os Prelados das Relegiões, os Parocos das Freguezias, e muitas pessoas de distinção. A Música, composta de proposito para este fim, foi executada por dous côros dos melhores Professores desta Cidade. A armação da Igreja<sup>86</sup>, em que se

---

<sup>85</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Julho, 1972.

<sup>86</sup> «Joaquim José de Sousa Basto, Armador, Bordador, e Vestimentario, que foi quem deo, e ensinou a executar o desenho com que se ornou a Igreja de Santa Isabel para a solemnidade que alli fez celebrar a 17 de Maio o Conselheiro Anselmo José da Cruz Sobral por motivo do nascimento da Serenissima Princeza da Beira, faz saber ao Publico que elle satisfará com todo o desempenho a quem se quizer servir do seu prestimo, concorrendo para mais o recommendar o ser bem versado em Arithmetica, Geometria, e Architectura civil. Mora na calçada de Santa Anna à entrada da rua da Encarnação». *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 23, Junho, 1793.

«Joaquim José de Sousa Basto, que no segundo Supplemento de 8 do corrente se annunciou ter feito a bella armação da Igreja de Santa Isabel, se offerece para todos os preparos de casas, como são camas, bambinellos, e cadeiras pela fôrma mais moderna usada nos Paizes estrangeiros, para o que tem as necessarias estampas; além disso, como he Professor de Dezenho, sabe idear diversas cousas novas no melhor gosto em paramentos de Igreja e bordados, como o provão as suas obras no Convento da Trindade, e em muitas partes, onde tem mostrado a perfeição com que desempenha qualquer das Artes de Armador, Bordador, e Vestimenteiro. Mora na calçada de Santa Anna, à entrada da rua da Encarnação». *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 25, Junho, 1793.

trabalhou por muito tempo, era tudo o que se podia ver de mais rico, e de melhor gosto. Huma partida de Tropa deo suas descargas no fim da solemnidade»<sup>87</sup>.

Além destes mais exemplos de promotores de festejos poderiam ser referenciados, já que as manifestações festivas que promoviam serviam para expressarem a sua lealdade e o seu amor à família reinante, sentimentos sempre presentes nas notícias da *Gazeta de Lisboa* ou nas diversas *Relações* de festas publicadas no século XVIII. Desta forma, a festa manifestava um sentimento colectivo de fidelidade ao Rei e à sua família<sup>88</sup> que era divulgado e incitado através das notícias publicadas.

## 5 — Programas

Os programas dos festejos eram elaborados geralmente com antecedência e podiam variar conforme o acontecimento que se pretendia comemorar, podendo também depender do(s) promotor(es) das festividades. Como exemplos de programas, vamos apresentar dois esquemas festivos de 1793 (nascimento da Infanta Dona Maria Teresa) relacionados com o que se passou na Covilhã e em Alenquer:

### 5.1. *Covilhã*

- 1.º — o Juiz de Fora convocou a Câmara para participar a notícia do nascimento da Princesa da Beira. Na tarde desse mesmo dia o Senado, «toda a Nobreza e Povo», na igreja matriz de Santa Maria, assistiram ao Te Deum.
- 2.º — na noite de 16 de Junho os festejos foram anunciados «pela Fama ricamente ornada, precedida de mais de 100 Cavalleiros vistosamente preparados, e huma completa Orquestra; para o que se levantou hum mastro no meio da Praça, que foi conduzido por huma dança»;
- 3.º — três noites de luminárias, «em que todos os habitantes mostrarão bem o seu contentamento, distinguindo-se as da Camara, que erão adornadas de pinturas admiraveis, as da Real Fabrica, as das casas e fabrica da Viuva de José Henriques de Castro, e as do Capitão Simão Pereira da

---

<sup>87</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 21, Maio, 1793.

<sup>88</sup> Sobre este assunto ver: *BEBIANO*, Rui — *D. João V poder e espectáculo*, Aveiro, 1987, pp. 43-55.



Silva». Nessas três noites «houverão danças, e outeiro, no qual se recitarão varias obras analogas ao alto assumpto do festejo»;

- 4.<sup>o</sup> — nos dias 5, 6 e 7 de Julho «se celebrou hum solemne Triduo<sup>89</sup>» no último dos quais se fez «hum solemne Procissão acompanhada de todo o clero Secular e Regular, concluindo-se aquella acção por hum Te Deum, no fim do qual huma Companhia de Auxiliares deo tres descargas de mosquetaria»;
- 5.<sup>o</sup> — no dia 6 «houve tambem hum magnifico fogo de artificio»;
- 6.<sup>o</sup> — «Na noite do dia 8 se representou hum Comedia em hum theatro, que com magnificencia mandára construir o Capitão Simão Pereira da Silva, com huma grande plateia, que accomodava hum grande numero de Senhoras que a ella concorrerão; o que se repetio nas noites de 11, e 13, com differentes Peças dramaticas»;
- 7.<sup>o</sup> — no dias 9, 12, e 14 «houverão touros, para o que se preparou a Praça com grandeza, dando entrada hum soberbo carro triumphal, que conduzia 28 Pessoas distinctas da Villa, que com varias danças desempenhárão hum brinco tão engraçado, como dispendioso»;
- 8.<sup>o</sup> — no dia 10 de tarde «hum luzido Corpo de Cavalleiros vestidos ricamente, depois de cortejarem o Senado, fizerão diversas escaramuças, que deixárão satisfeitos a todos os espectadores» finalizando esta «função com hum grandioso jantar, que huma luzida Mascarada foi repartir pelos prezos, e doentes necessitados»<sup>90</sup>;

## 5.2. *Alenquer*

- 1.<sup>o</sup> — «Chegada a noticia do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira ao Juiz de fóra da Villa de Alenquer, Modesto Antonio Mayer, passou este sabio Ministro á Casa da Camara; e na presença dos Senadores, e de outras muitas pessoas, recitou hum Oração, em que persuadio, com os termos mais energicos e significantes, os justos motivos que havia para as maiores demonstrações de prazer<sup>91</sup>;

---

<sup>89</sup> «com a maior pompa e asseio que se póde imaginar; para o que concorrerão a Camara, Nobreza, e Povo: havendo-se armado ricamente a Igreja Matriz, e convocado os melhores Musicos da Provincia, se cantou Missa com o Santissimo Sacramento exposto, e Sermão em todos os tres dias.

<sup>90</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Setembro, 1793.

<sup>91</sup> «Foi aquelle Ministro o primeiro que tomou por sua conta escolher na Corte os melhores Musicos Italianos, e Nacionaes, e os Oradores mais célebres para o desempenho do solemne Triduo, que se celebrou no grande Templo de S. Francisco da mesma Villa».

- 2.º — 17 de Junho «primeiro do Oitavario se ouvirão em todas as ruas da Villa Instrumentos musicos, e hum Bando annunciador das Festas de Igreja, e de arraial. Constava de 30 Figuras a cavallo, distinguindo-se entre todas a bella figura da Fama pela riqueza do seu ornato, e pela sua formosura. Em certas paragens, alçando a voz, repetia varios Sonetos, que correm impressos, e que de bandejas de prata, em que erão levados, se distribuião por dous volantes de pé ás pessoas, que se encontravão»;
- 3.º — 18 de Junho «appareceo a Igreja com huma rica armação da Corte, e hum Coreto magnifico, que tomava toda a sua grande largura. Cantou a Missa o primeiro Prelado do Convento, e recitou huma Oração gratulatoria o R. P. Pregador Geral Jubilado Fr. Joaquim de S. Pedro de Alcantara, Franciscano. De tarde louvãrão os Musicos em suavissimos Canticos a Jesu Christo sacramentado»;
- 4.º — 19 de Junho «cantou Missa o R. Prior da Collegiada de Triana; e o R. P. M. Fr. Filipe Santiago Travassos, Religioso Eremita de S. Paulo, pronunciou hum admiravel Panegyrico, em que mostrou o quanto todos erão obrigados a rogar a Deos pela conservação dos preciosos dias dos nossos Soberanos. De tarde se continuarão os Canticos ao Senhor sacramentado»;
- 5.º — 20 de Junho «celebrou Pontifical o Excellentissimo Principal Cunha; e o R. P. M. Fr. Francisco do Coração de Jesus Wanseler prégou com geral acceitação do seu numeroso, sabio, e luzidissimo Auditorio. Hum Te Deum excellen-temente executado poz termo á festa da Igreja»;
- 6.º — 21 de junho «se vio na Praça do Espirito Santo rodeada de camarotes mui bem armados, em que se accomodou hum grande numero de pessoas, que se divertirão com algumas danças, Mascaras, e touros de farpa»;
- 7.º — 22 de Junho «se ordenou huma vistosa Encamizada, que girou por toda a Villa a cavallo em bestas menores. Neste genero de festejo se vião muitas Invenções de bom gosto, admirando mais que tudo a modestia, e a destreza com que erão executadas. Finalizou este divertimento na dita Praça, que estava illuminada, e no meio huma grande Torre, que despedia fogo, que durou até á meia noite. Em todo este tempo dançarão muitas Mascaras ao som dos Instrumentos»;
- 8.º — 23 de Junho «concorreo de todo o Termo, e fóra delle innumeravel Povo, que se divertido com a variedade de vistosas danças, de Mascaras bem aceadas, e com a bizzarria de hum insigne Cavalleiro, que deo morte a 10 bravissimos touros»;
- 9.º — 24 de Junho «e último do Oitavario appareceo toldada a maior parte da Praça, e debaixo dos toldos 5 mezas, que forão reformadas 5 vezes, em que comêrão com fartura mais de tres mil pessoas. Servirão neste edificante acto o Prelado dos Religiosos Franciscanos, e os seus Padres de maior graduação, como tambem alguns Ecclesiasticos, e as Pessoas mais

distintas em nobreza, e piedade. Levantadas as mezas, se formou huma Procissão muito séria, em que o Juiz de fóra, acompanhado das Pessoas mais illustres, precedendo os musicos Instrumentos, levou hum refresco ás Religiosas, e a todas as Serventes do Convento de Santa Clara. Depois passou a Cadeia para matar a fome aos encarcerados, ficando soltos aquelles, que ou não tinham parte, ou de cujos delictos não havião provas»<sup>91a</sup>.

## 6 — Duração dos festejos

O tempo de duração dos festejos não era sempre igual, dependia de dois factores principais: a motivação e as possibilidades financeiras da terra que os promoviam. No primeiro caso, nem todos os motivos que apontamos relacionados com a Família Real ocasionavam grandes festividades, como acontecia, a título de exemplo, com os nascimentos. Alguns deram origem a grandes festas, como aconteceu quando nasceu o primeiro filho de Dona Maria I e os dois primeiros filhos de D. João VI, outros limitaram-se a comemorações mais simples. No segundo caso, devido ao grande dispêndio que acarretavam os festejos, nem todas as cidades e vilas que neles participavam o podiam fazer da mesma maneira, limitando assim os dias festivos.

Através dos relatos e documentos que chegaram até nós, vemos que o tempo festivo alternava entre um mínimo de três dias e um número variável de dias: Palmela festejou durante três dias o nascimento do Infante D. António<sup>92</sup>; Lagos<sup>93</sup> dedicou os dias 6, 7, 8 e 9 de Maio<sup>94</sup> de 1793 para comemorar o nascimento da Infanta Dona Maria Teresa e, em 1760,

---

<sup>91a</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 28, Julho, 1773.

<sup>92</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1795.

«Em applauso do feliz nascimento do Serenissimo Principe da Beira (Infante D. António) se convocou a Camara, Governança e Nobreza da Villa de Palmela no dia 30 de Agosto, e o actual Juiz de Fóra recitou huma erudita Oração, mostrando o zelo com que todos devemos amar os nossos Principes. Findo este acto, se dirigirão á Matriz, onde se cantou solememente Missa, sendo Orador o R. P. M. Fr. Dionysio de Santa Anna Aires, Religioso de S. Paulo. No dia seguinte se repetio hum jantar aos prezos, com esmolas em dinheiro, sendo servidos pelos Camaristas e Nobreza: de tarde houverão touros, precedidos de danças, e à noite Comedia. No consecutivo dia se repetirão todos estes divertimentos, que deixarão satisfeitos a todos aquelles póvos pelo alto objecto a que se dirigirão».

<sup>93</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 28, Julho, 1773.

<sup>94</sup> No dia 12 de Maio «fizerão as Religiosas do Carmo da mesma Cidade celebrar a sua solemne festividade pelo mesmo plausivel motivo».



os festejos pelo casamento da futura D. Maria I ocuparam a cidade de Braga durante grande parte do mês de Junho<sup>95</sup>. Muitas vezes, o tempo determinado para os festejos não era respeitado como aconteceu em Viseu (ver ADENDA II) em 1760<sup>96</sup>. Marcadas pelo Senado as festas entre 3 e 11 de Agosto estas foram antecedidas devido «a excessiva alegria de alguns particulares, e o geral prazer de todo o Povo», e prolongaram-se até ao dia 15.

## 7 — Financiamento e despesas com os festejos

Os festejos públicos eram financiados pela Câmara, sendo os que tinham outros promotores da responsabilidade daqueles. As grandes despesas que as festas ocasionavam levavam por vezes os poderes públicos a angariar fundos para a sua concretização como podemos ver nos seguintes exemplos:

Castelo Rodrigo — «Para as despesas daquellas festas se fintou o mesmo Juiz de Fôra, em hum Livro, com a Camara, e todas as pessoas nobres, e da Governança, e os Parocos das freguezias; distinguindo-se muito na liberalidade o mesmo Ministro Sebastião Saraiva de Sampaio, que acabou de Provedor de Lamego, e o Capitão Mor da Villa Luiz de Solla Telles, e as casas dos Mettellos da Freixeda»<sup>97</sup>;

Pinhel — «Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, Juiz de Fora [...] abriu huma subscrição, para que cada hum voluntariamente contribuisse, segundo as suas forças, para as despesas que devião fazer-se, dando elle mesmo o exemplo na generosidade com que contribuiu: immediatamente, e com igual generosidade todos os que se achavão presentes áquelle acto se offerecerão a concorrer com porções bem avultadas; e acudindo os mais como á porfia a pôr o seu nome na lista dos Contribuintes, em poucos dias se fez hum fundo assás consideravel»<sup>98</sup>.

---

<sup>95</sup> *Relação das festas com que a cidade de Braga celebrou os Faustissimos despozorios da Serenissima Senhora Princeza do Brazil com o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro no anno de 1760*, Lisboa, 1761.

<sup>96</sup> *Noticias de Lisboa*, n.º 18, Novembro, 1760.

<sup>97</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1793.

<sup>98</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 39, Setembro, 1793.

Desde a organização do bando que anunciava os festejos, passando pelos diversos espectáculos que o Senado organizava, até à última manifestação festiva da qual era responsável, eram muitas as despesas como podemos ver de uma forma pormenorizada nos *Livros dos Festejos* que se encontram no Arquivo Histórico Municipal do Porto relacionados com as festas organizadas pela Câmara da cidade, em 1793 e 1795, devido aos nascimentos da Infanta Dona Maria Teresa e Infante D. António.

### 7.1. *Pagamento de propinas*

Por ocasião das «publicas felicidades, ou de funereas exequias» os elementos que compunham a Câmara e os «Ministros da Rellassão» (ver ADENDA III) recebiam propinas, que eram pagas no caso dos primeiros pelo Cofre do Senado. Assim aconteceu a título de exemplo em 1798 quando nasceu o futuro D. Pedro IV (1798-1834):

|                                                             |         |
|-------------------------------------------------------------|---------|
| Dr. Francisco de Almada e Mendonça                          |         |
| recebeu como desembargador juiz do cofre .....              | 50\$000 |
| recebeu como desembargador e corregedor da comarca ....     | 50\$000 |
| Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, juiz de fora .. | 50\$000 |
| Joaquim Heliodoro de Araújo Rangel de Castro, vereador      | 50\$000 |
| Gaspar Cardoso Carvalho da Fonseca, vereador .....          | 50\$000 |
| D. Manuel de Noronha Meneses da Mesquita e Melo, ve-        |         |
| reador .....                                                | 50\$000 |
| António Joaquim da Mesquita Pimentel de Carvalho, ve-       |         |
| reador .....                                                | 50\$000 |
| Nicolau Joaquim Pereira, procurador da cidade .....         | 50\$000 |
| José Caetano de Telo de Sousa, escrivão da cidade .....     | 50\$000 |
| Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, juiz de fora    |         |
| dos órfãos .....                                            | 50\$000 |
| Dr. José António da Silva Pedrosa Guimarães, juiz do        |         |
| crime .....                                                 | 50\$000 |
| Dr. Manuel da Silva Álvares, síndico .....                  | 25\$000 |
| Joaquim de Vasconcelos Cardoso e Meneses, guarda-mor        |         |
| da saúde .....                                              | 25\$000 |
| António Joaquim da Mesquita Pimentel de Carvalho, guar-     |         |
| da-mor da saúde .....                                       | 25\$000 |
| Joaquim de Vasconcelos Cardoso e Meneses, almotacé ....     | 25\$000 |
| Tomé da Silva Ferraz, almotacé .....                        | 15\$000 |
| Fr. Francisco da Conceição Braga, padre sacristão-mor do    |         |
| Convento de São Francisco .....                             | 10\$000 |
| José Joaquim Pereira, tesoureiro da cidade .....            | 20\$000 |
| Manuel José da Fonseca Bagalhé, contador do cofre .....     | 25\$000 |
| Manuel José Álvares Ribeiro, escrivão da receita .....      | 25\$000 |
| António Ribeiro da Silva Queirós, escrevente do Senado ..   | 10\$000 |
| João Duarte Lopes, agente do Senado .....                   | 10\$000 |
| Francisco José Ribeiro Guimarães, guarda do Senado .....    | 10\$000 |

|                                                                    |                        |
|--------------------------------------------------------------------|------------------------|
| José Joaquim de Almeida Coutinho, alcaide da cidade do bando ..... | 19\$200                |
| João António de Araújo, escrivão da vara da cidade .....           | 19\$200                |
| Silvestre de Almeida, meirinho dos almotacés .....                 | 19\$200                |
| José Frutuoso da Fonseca, escrivão dos almotacés .....             | 19\$200                |
| António Martinho da Silva Lima, guarda da Relação .....            | 10\$000                |
| Afonso Rodrigues, porteiro do bando .....                          | 7\$200 <sup>99</sup> . |

## 8 — O espaço da festa

O espaço da festa é por excelência a cidade. As praças, as ruas, os jardins — os principais espaços abertos — as igrejas, os palácios e os teatros — os principais espaços fechados — são os lugares onde aquela se concretiza. Esses locais, metamorfoseados pela decoração<sup>100</sup>, transformam-se transitoriamente através do efémero, fazendo da cidade «un lugar imaginativo, contrario al del paisaje urbano cotidiano»<sup>101</sup>.

No século XVIII, ao lado da capital e por influência de Versalhes, vemos também como espaços privilegiados da festa os locais que os monarcas escolheram para sua residência, por vezes permanente, e que na Europa setecentista vamos encontrar em todos os países. De Queluz a Peterhof, os inúmeros satélites de Versalhes<sup>102</sup>, onde se concentra «l'essence de la vie aristocratique»<sup>103</sup>, o esquema palácio-jardim concorre para se transformar no local ideal da festa, que tem na Família Real a razão da sua realização.

### 8.1. *O espaço transformado: a arte efémera*

Para a decoração da cidade e para a realização de alguns espectáculos que faziam parte do programa festivo recorria-se à arte do efémero, onde vamos encontrar associados à sua execução alguns dos melhores artistas

<sup>99</sup> Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.). Livro do Cofre, n.º 91, fls. 116-117.

<sup>100</sup> CHASTEL, André — *Le lieu de la fête*, in «Les fêtes de la Renaissance», T. I, Paris, 1973, p. 420.

<sup>101</sup> BONET CORREIA, Antonio — *Fiesta, poder y arquitectura. Aproximaciones al barroco español*, Madrid, 1990, p. 20.

<sup>102</sup> RÉAU, Louis — *L'Europe française au siècle des Lumières*, Paris, 1971, p. 239.

<sup>103</sup> APOSTOLIDÈS, Jean-Marie — *Le roi-machine. Spectacle et politique au temps de Louis XIV*, Paris, 1981, p. 152.



da época, e que constitui um aspecto do maior interesse dentro da História da Arte. Essas estruturas decorativas, comemorativas e funcionais e que alteram o espaço urbano, são de diversos tipos que passamos a exemplificar:

### 8.1.1 *Estruturas decorativas*

Todas as ruas, praças, interior e exterior dos principais edifícios, que estavam inseridos no espaço festivo eram decorados durante o período da festa. Esta decoração ia desde a forma tradicional de ornamentar as janelas, até à construção de estruturas decorativas como podemos ver nos seguintes exemplos:

- «A Capella do Palacio de Queluz não tendo capacidade sufficiente para aquella grande função (baptizado do Infante D. António), determinou o Principe Nosso Senhor que ella se fizesse na sala da Musica, a qual, se prepararão para este fim com a maior magnificencia, erigindo-se na primeira o Altar. Para que a Procissão viesse por fóra do Palacio, se construiu hum caminho cuberto, entre as columnas do qual pendião medalhões com inscripções tiradas da Escriitura Sagrada, e relativas ao Sacramento do Baptismo: todo o dito caminho estava ornado com sedas e pannos de Rás: e até nas entradas da Praça havia porticos ornados com cortinas. O caminho cuberto se dirigia desde a porta do quarto da Rainha, aonde havia huma sala de docel, até á principal entrada do Palacio, e da primeira para a segunda se fez a Procissão»<sup>104</sup>;
- «Havendo o Principe Nosso Senhor assignalado o dia de Domingo 3 do corrente para vir com sua Augusta Esposa render a Deos as devidas graças na Real Casa de Santo Antonio pelo feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira, construiu-se huma especie de ponte, que desde o adro daquelle Igreja descia muito abaixo das escadas; e servindo para suavisar a subida [...] achava-se a dita ponte ornada nas suas cortinas de seda carmezim agalloada de ouro, e toda alcatifada de flores e hervas cheirosas»<sup>105</sup>.

#### 8.1.1.1. *A decoração através da luz*

Uma das formas mais interessantes da decoração surge através da luz introduzida no espaço urbano através das luminárias<sup>106</sup>, que faziam da

<sup>104</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 14, Abril, 1795.

<sup>105</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 18, Maio, 1795.

<sup>106</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit., pp. 38-41.

noite o prolongamento do dia <sup>107</sup> e introduziam a fantasia e a ilusão na cidade através das composições que de noite se faziam nas fachadas dos edifícios.

Logo no início dos festejos encontramos sempre a obrigação de todos os moradores da cidade ou vila iluminarem as fachadas das suas casas durante três dias sucessivos:

— Alcáçovas (1793): «...mandarão illuminar por tres noites successivas toda a Villa. As Casas da Camara se distinguirão na illuminação pela boa ordem com que se representava huma muito brilhante perspectiva»<sup>108</sup>;

— Castelo Rodrigo (1793): «Assim que a Camara de Castelo Rodrigo recebeu por Carta Regia a fausta noticia do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, o Juiz de Fóra, José Valerio Pereira da Fonseca, com o Corpo do Senado, fez repicar os sinos, e illuminar por tres noites successivas a Villa, que por ser muito eminente, e estar cheia de luzes até nas muralhas, e Castello, offerecia hum admiravel prospecto aos Povos deste Reino, e de Castella»<sup>109</sup>.

Com as luminárias, todos participavam na festa e na alteração do espaço urbano através da luz, já que, aos que nada tinham eram-lhes fornecidos meios para cumprirem as ordens da Câmara. Tal aconteceu em Nisa onde: «Houverão luminarias nas tres noites successivas, para as quaes o dito Ministro (o Juiz de Fora João Tomás Pereira de Negreiros) mandou se repartisse pelas casas das pessoas pobres azeite, a fim de que ninguém por indigencia deixasse de fazer público o seu contentamento»<sup>110</sup>.

Nestas iluminações distinguiram-se alguns particulares pela quantidade de luzes e pelo engenho nas suas composições:

---

<sup>107</sup> «Una de las transformaciones más radicales de la ciudad serían las luminarias colocadas en los distintos puntos de ella, que conseguían subvertir el orden natural del tiempo haciendo de la noche día». AGUILAR GARCIA, María Dolores — *Málaga: imagen de la ciudad en la proclamación de Carlos IV*, in «El arte en las Cortes Europeas del siglo XVIII», Madrid, 1989, p. 14.

<sup>108</sup> *Suplemento extraordinário à Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Julho, 1793.

<sup>109</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1793.

<sup>110</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 29, Julho, 1793.

- Abrantes (1793): «Por ordem da Camara houverão tres noites de luminárias; mas os moradores, executando o preceito, patentearão o seu gosto esmerando-se em as fazer com grandeza, e vistosas perspectivas; excedendo a todos Rodrigo Soares da Silva e Bivar, e Alvaro Soares de Castro e Ataíde, pelo bom gosto, profusão, e artificio com que illuminarão as fronteiras das suas casas, e pela immensidade de luzes, pinturas allegoricas, e armas Reaes de que estavam ornados os seus prospectos»<sup>111</sup>;
- Pinhel (1793): «...como mostrarão nas exquisitas illuminações que cada hum poz na sua casa, sendo de todas a mais vistosa a que se vio no elegante Palacio Episcopal, que no portico da entrada tinha huma vistosa columnata com seus capiteis e pyramides, e varios lustres, tudo illuminado com multiplicidade de luzes na melhor ordem e architectura, havendo sobre o mesmo portico huma bem ajustada Orquestra, que esteve nas tres noites tocando continuamente: o que com bella vista das luminarias attrahio para o terreiro, que esta diante do mesmo Palacio, innumeravel Povo da Cidade e vizinhanças com universal satisfação»<sup>112</sup>.

As luminárias e as decorações que lhes estavam associadas, pinturas e dísticos alusivos ao acontecimento ou à Família Real, serviam também, de uma forma simbólica, para mostrarem a lealdade e o amor que tinham à dinastia de Bragança:

- Alenquer (1793): «Entre as illuminações, que houverão fóra de Lisboa, por motivo do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, se distinguio a que nas janellas da Casa da Fazenda Real da Villa de Alemquer mandou pôr o seu Almojarife o Doutor Francisco Falcão Taveira Enserrabodes, [...] A variedade das Pinturas, Letras, e Disticos se destinava a dar huma clara idea da universal alegria dos vassallos de huma Soberana, que faz toda a gloria de Portugal, em o suspirado Nascimento da Serenissima Princeza, que Deos conserve para nossa felicidade. Também se dirigia a augurar o nosso bom futuro para

---

<sup>111</sup> *Suplemento extraordinario à Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1793.

<sup>112</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 39, Setembro, 1793.



acreditarmos que a Real Successão fora humadadiva milagrosa com que o Ceo nos enriqueceo»<sup>113</sup>.

### 8.1.2. *Estruturas comemorativas*

De todas as estruturas comemorativas (obeliscos, colunas triunfais, mastros) que apareciam nas cidades durante os festejos, eram os arcos de triunfo as mais importantes e mais representativas. Levantados ao longo do percurso das entradas públicas<sup>114</sup>, custeados principalmente pelos ofícios e pelas «nações estrangeiras», eram construções efêmeras, geralmente de grande qualidade artística, que continham, através dos elementos decorativos, uma grande carga simbólica e laudativa:

- Monchique (1793): «... nas quaes havia o Senado mandado levantar arcos triunfaes vistosamente adornados, e com disticos appropriados ao festejo»<sup>115</sup>;
- Oliveira do Bairro (1793): «... as principaes ruas da Villa por baixo de muitos arcos triunfaes, e por entre muitas bandeiras»<sup>116</sup>.

### 8.1.3. *Estruturas funcionais*

Designamos por estruturas funcionais as construções que eram levantadas para darem resposta a algumas das partes do programa, especialmente as touradas e as representações teatrais:

---

<sup>113</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 22, Maio, 1793.

<sup>114</sup> Na entrada pública feita em Lisboa devido ao casamento do futuro D. José I com D. Mariana Vitória de Bourbon (1718-1781) foram levantados 23 arcos — «y las calles estaban adornadas con el ultimo primor, haviendose construido 23 Arcos á competencia en la buena elleccion y costoso de ellos». Carta do embaixador marquês de Capecelatro ao ministro de Estado marquês de la Paz, in *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória para a sua Família em Espanha* (Apresentadas e anotadas por Caetano Beirão), Lisboa, 1936, p. 41. Estes arcos segundo D. António Caetano de Sousa «eraõ de singular architectura, huns com excellentes estatuas, pinturas, e inscrições; outros de singular gosto, pela riqueza dos adornos com que eraõ compostos, e tudo fazia huma agradável vista». Cf. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo VIII, Coimbra, 1951, p. 166.

<sup>115</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Julho, 1793.

<sup>116</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 47, Novembro, 1793.

- Viana do Castelo (1793): «... em huma Praça formada no terreiro de S. Bento se correrão touros sinco dias»<sup>117</sup>;
- Sande (1793): «... e nos dias 19, 20 e 21 (de Agosto) em hum Theatro publico, que o mesmo Capitão tinha feito levantar de hum modo conveniente, se representarão 3 famosas Comedias, e varios entremezes»<sup>118</sup>;
- Oliveira do Bairro (1793): «Nos tres dias successivos se corrêrão touros por habéis capinhas em huma Praça, que se havia formado com trincheiras e camarotes, que se achavão guarnecidos de ricas sedas: nella se executarão por asseadas mascaras diversas danças, que tornárão sumamente vistosos aquelles divertimentos, os quaes se concluirão com Comedias, representadas por Curiosos em hum theatro construido para esse fim»<sup>119</sup>.

## 9 — Formas da festa

Os programas dos festejos eram constituídos, como tivemos ocasião de ver no ponto cinco, por festas religiosas e festas profanas as quais muitas vezes eram presididas, através do retrato, pelo homenageado e seus familiares. A presença do retrato do Rei ou de retratos da Família Real nos festejos é frequente, como aconteceu nas festividades organizadas no Porto, em 1793 e em 1795, devido aos nascimentos dos infantes Dona Maria Teresa e D. António<sup>120</sup>.

### 9.1. *Festas religiosas*

*Tríduos*<sup>121</sup> — Monforte (1795): «A Camara de Monforte d'Alemtejo [...] determinou render a Deos as devidas graças pela continuação da

<sup>117</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 37, Setembro, 1793.

<sup>118</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 49, Dezembro, 1793.

<sup>119</sup> Ver nota 116.

<sup>120</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit., pp. 44-45.

<sup>121</sup> O termo tríduo relacionado com os festejos está directamente ligado às cerimónias religiosas, mas podemos também utilizá-lo para as festas que na sua

prosperidade desta Monarquia na successão da Real Casa Reinante, fazendo celebrar hum solemne Triduo com a maior pompa que fosse possivel. Achando-se riquissimamente armada a Igreja Matriz daquella Villa, se procedeo á dita solemnidade nos dias 11, 12, e 13 de Junho, que se aprazárão com particular escolha pela especial devoção que se deve aos augustos objectos, que a Santa Igreja nelles offerece á nossa veneração. Estando o SS. Sacramento exposto em cada hum dos ditos dias, celebrárão Missa cantada os RR. Parocos da mesma Villa, cuja Musica executou hum completo Coro de Professores daquella Provincia, recitando os mais eloquentes discursos na tarde do 1.º dia o M.R.P.M. Leitor Fr. Francisco de S. Vicente Ferrer, da Ordem dos Prégadores; na do 2.º o M.R.P.M. Miguel Pacheco, Ex-Superior da Ordem de S. Camillo de Lellis; e na do 3.º o R. Bento Pereira da Silva, Presbytero secular. Nesta ultima tarde, depois de se haver cantado o Te Deum, se terminou esta devota acção com huma magnifica Procissão, que

---

totalidade se realizavam em três dias. Cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit., p. 16.

«Idanha á Nova 9 Julho. O Juiz de Fóra desta Villa Antonio de Brito da Costa Ferrão, logo que recebeu a felicissima noticia de se terem celebrado na Corte os Augustissimos Desposarios da Princeza do Brazil N. S. com o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, determinou, que por 3 dias successivos se fizessem nesta Villa as publicas demonstraçoens de gosto, e da estimação com que se devia receber tam prospera noticia. Destinou o dia 5 de Julho para ser o primeiro da Festa, por concorrer a circumstancia de ser dia dos annos do mesmo Serenissimo Senhor Infante. Na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que estava ricamente guarnecida, estando o Senhor Exposto, se cantou Missa solemne, com Sermão, e Musica em acção de graças. este mesmo culto se repetio nos mais dias da Festa. Em todas as 3 noites esteve illuminada a Villa: na primeira se fez huma vistosa encamisada de cavallo seguida de varias, e primorosas danças. Na tarde do ultimo houve hum combate de Touros, e á noite sahio hum carro de Triunfo adereçado com gosto, e com luzimento, a que precederam differentes contradanças executadas pelos Estudantes da mesma Villa». *Noticias de Lisboa*, 1760. Setembro. 09.



decorreo as ruas da Villa acompanhada pelo Corpo das Ordenanças daquelle districto, e por hum immenso povo daquellas vizinhanças, além do da Villa e seu Termo»<sup>122</sup>;

*Missas* — Ponta Delgada (1793): «José Ignacio Malhado Faria e Maia, Mestre de Campo do Terço Auxiliar da Cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel, tanto que lhe foi constante o feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, excitado do affecto com que respeita a Real Familia, fez celebrar na Matriz de S. Sebastião da dita Cidade, com o Santissimo exposto, huma solemne Missa, cuja Musica foi executada pelos melhores Professores daquelle Paiz, recitando huma elegante Oração gratulatoria o R. João Borges, Beneficiado da mesma Igreja: áquelle acto assistirão muitas pessoas de distinto character; e finalizada a Missa se cantou o Te Deum perante a milagrosa Imagem do Santo Christo Ecce Homo, que tanto se venera naquellas Ilhas, e á qual o Senhor Rei D. Pedro, que Deos haja em gloria, offereceo hum magnifico Manto, igual na grandeza á sua devoção»<sup>123</sup>;

— Maranhão (1793): «A 20 d'Agosto do presente anno e Excellentissimo D. Fernando Antonio de Noronha, Governador General da Capitania do Maranhão, em obsequio do feliz Nascimento da Serenissima Princesa da Beira, fez celebrar na Sé daquella Capital huma grandiosa

---

<sup>122</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 35, Setembro, 1795.

<sup>123</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 42, Outubro, 1793.

feita de Missa cantada com Musica, e Sermão, recitado pelo R. Caetano de Almeida, Conego da mesma Cathedral, terminando-se na tarde do mesmo dia com o Te Deum»<sup>124</sup>;

*Vésperas* — Vidigueira (1793): «No dia 8 (de Maio) de tarde se cantarão Vésperas, acompanhadas de muitas vozes e instrumentos»<sup>125</sup>;

— Ranhados (1793): «Logo que á Villa de Ranhados chegou a noticia do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, o Juiz Ordinario daquella Villa José Barreto da Costa Cardoso, depois de dar bem a conhecer o prazer de que se achava possuido, a 27 de Julho de tarde, acompanhado do seu R. Reitor João de Mendonça Ferrão, com todo o clero, muitas Pessoas da Nobreza, e huma excellente Musica, que tinha feito vir da Provincia de Tras os Montes, se encaminhou á Igreja Matriz da mesma Villa, onde se cantarão Vesperas e o Te Deum em acção de graças»<sup>126</sup>;

*Te Deum* — Castelo de Vide (1793): «No dia 6 de tarde, tendo mandado vir de Portalegre os melhores Musicos, estando presentes toda a Camara, Governador, Nobreza e Povo, recitou huma Oração, que mereceo universal applauso; e dirigindo-se depois toda a Companhia á Matriz de Santa Maria da Deveza, que se achava pomposamente ornada, alli com o Senhor exposto cantarão os ditos Musicos o Te Deum»<sup>127</sup>;

---

<sup>124</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 48, Novembro, 1793.

<sup>125</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 29, Julho, 1793.

<sup>126</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1793.

<sup>127</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Junho, 1793.

— Pará (1795): «Chegando á Cidade do Pará a fausta noticia [...] Na Cathedral se cantou o Te Deum [...] O novo Juiz de Fóra Luiz Joaquim Frota de Almeida, que tomou posse no dia 27 de Maio, propoz em Camara que seria muito proprio do Senado fazer as possiveis demonstrações de prazer pelo mesmo motivo; e conformando-se todos os Membros com estes sentimentos, resolvêrão fazer cantar o Te Deum nos dias 10, 11, e 12 de Junho»<sup>128</sup>;

*Procissões* — Viana do Castelo (1793): «... huma solemne Procissão, que continha varios Quadros da genealogia dos nossos Principes, fundação da Monarquia, figuras das Princezas, que se achão canonizadas, e muitas de cavallo, que davão áquelle acto o ar mais brilhante que se tem visto; acompanhando todos os Ecclesiasticos, e Ordens Religiosas da Villa<sup>129</sup> e Termo, e o Corpo da Camara»<sup>130</sup>.

— Nisa (1793): «... huma solemne Procissão, para a qual se tinham armado as ruas, sendo levadas em andores as Imagens de Santo Antonio, e S. Francisco, acompanhadas de huma Companhia de Auxiliares, que o Capitão Mór Diogo Dias Galeano fez exercitar, de sorte que assim na marcha, como nas descargas, que derão ao recolher da Procissão, não tinham que invejar à tropa regular»<sup>131</sup>.

---

<sup>128</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1795.

<sup>129</sup> Designada então por Viana do Minho.

<sup>130</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 37, Setembro, 1793.

<sup>131</sup> Ver nota 125.



## 9.2. *Festas profanas*

*Touradas* — Pinhel (1793): «Nos dias 13 e 14 (de Julho) se corrêrão 16 bravissimos touros de Hespanha, toureados por tres destros capinhas, que por ordem do Senado tinham vindo do Reino de Leão determinantemente para o dito divertimento: em cada hum dos mesmos dias se matou hum touro, que se repartio pela pobreza da Cidade»<sup>132</sup>;

— Castelo Rodrigo (1793): «... corrêrão-se touros, vindos de Hespanha, sorteados por Capinhas de Salamanca»<sup>133</sup>;

*Cortejos* — Lisboa (1795): «Relação do pomposo cortejo com que o Eminentissimo Nuncio Apostolico se dirigiu a Quéluz no dia do Baptismo do Serenissimo Principe da Beira. Precedião a cavallo dous Masseiros vestidos de seda preta á Romana, com as suas respectivas massas: seguião-se logo 12 seges, em que hião primeiramente os Escrivães, depois os Ministros do Tribunal da Nunciatura, e em hum coche, tirado por 4 cavallos, o Monsenhor Auditor. Seguia-se hum criado com a umbrellá, e após este dous Guarda-portões, que diversificavão nas librés dos outros criados por levarem talabares agaloados de prata, com os seus bastões, todos 3 a pé: hia logo o Mordomo de Sua Eminencia a cavallo com mantas de veludo agaloado de ouro, com vestido de côr agaloado de ouro, e após 10 criados a pé com librés agaloadas de prata por todas as costuras, e vestias igualmente agaloadas: seguia-se o coche d'Estado, forrado de veludo carmesim com franjas, galões, e frocos de ouro, dentro do qual se achava huma grande

---

<sup>132</sup> Ver nota 98.

<sup>133</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 43, Outubro, 1793.

almofada; e na parte exterior do tejadilho igualmente forrado de veludo e guarnecido com galões se levantava, sostida por 4 figuras de meninos, a Tiara Pontificia com as Chaves, dourada e ornada com festões: 6 Pagens a cavallo com vestidos novos de côr agaloados de ouro, e mantas igualmente agaloadas, lhe fazião ala d'hum e outro lado, e ás portinholas hião dous Cabos da Sala a pé vestidos segundo o seu costume: seguia-se outro coche, em que hia o Emmimentissimo Nuncio com vestes Cardinalicias, e os seus 2 Secretarios; e 4 Ajudantes da Camara vestidos de seda preta com capa e volta hião aos lados do coche a cavallo: seguião-se logo 3 outros coches todos como os precedentes a seis, levando os Capellães e o Medico da Casa de Sua Eminencia, e aos lados de cada hum hião dous criados a cavallo e varios a pé. Nesta ordem se dirigio o cortejo a Quéluz, e dalli voltou á noite com hum grande número de archotes de cêra»<sup>134</sup>;

*Representações teatrais*<sup>135</sup> — Alva (1793): «Finalizou naquella noite o festejo com huma boa, e bem

<sup>134</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 15, Abril, 1795.

<sup>135</sup> Belmonte: «De tarde se corrêrão touros, o que attrahio hum grande concurso de gente; e à noite se representou publicamente huma Comedia com toda a perfeição por huma Companhia de Comicos Hespanhois, com hum Instrumental, e seu Entremez. Nos dias 27 e 28 houverão novas representações executadas pelos mesmos Comicos com a mesma Orquestra, Entremezes, e Cantigas de letras appropriadas ao assumpto; e a 30 outra Comedia executada tambem em público por Curiosos».

*Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 33, Agosto, 1793;

Pinhel; «Nas noites de 10, 11, e 12 representarão tres Comedias pessoas de bem, curiosas, e instruidas da Cidade, com tanta destreza, e conhecimento da Arte, e tão grande asseio de vestidos e theatro, cujas vistosas scenas forão mandadas fazer para aquelle unico fim com toda a delicadeza, e magnificencia, que unanimemente confessarão os intelligentes que se imitou muito os theatros publicos da Corte, enchendo-se os intervallos com varias Sonatas, e entremezes muito engraçados». *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 39, Setembro, 1793.

Algarve: «Os festejos no Algarve pelo feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, se terminarão com apparatusas representações dramaticas num Magestoso Theatro que o Excellentissimo Conde de Val de Reis, Capitão General daquelle Reino,

representada Comedia,  
que encheo de alegria  
todo aquelle Povo»<sup>136</sup>;

— Castelo Rodrigo (1793): «Nos dias  
seguintes se  
representarão  
Comedias,  
e excellen-  
tes Trage-  
dias em  
hum ma-  
g n i f i c o  
Teathro»<sup>137</sup>;

— Viseu (1793): «Os Negociantes da  
Cidade, e seu Termo,  
querendo tambem  
mostrar o quanto se  
interessão no bem do  
Estado, mandarão vir  
á sua custa huma  
Companhia de Comi-  
cos, que representarão  
tres Comedias Portu-  
guezas na mesma  
Praça do Commercio  
em tres noites suc-  
cessivas, com assis-  
tencia do Senado,  
Nobreza, e immenso  
Povo»<sup>138</sup>.

*Música e canto* — Castelo de Vide (1793): «Na noite de 6 houve  
nas mesmas casas  
huma bella Orques-  
tra, e o Professor  
João Baptista Fer-

---

mandára levantar junto ao Palacio da sua residencia, onde se executarão escolhidas  
Peças de Voltaire, Goldoni, e Metastasio, acompanhadas de huma excellente Orquestra,  
assistindo hum numerosoe luzido auditorio. Na abertura do Theatro, depois da  
synfonia, recitou Francisco José Marques Neves, Cidadão de Tavira, hum bem tecido  
elogio aos nossos Principes, no qual mostrou as vantagens que adquiria o Luzo Imperio  
na sempre memoravel, e augusta sucessão da Regia Estirpe» *Segundo suplemento à  
Gazeta de Lisboa*, n.º 43, Outubro, 1793.

<sup>136</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 31, Agosto, 1793.

<sup>137</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1793.

<sup>138</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 32, Agosto, 1793.



reira, e hum filho  
seu cantarão varias  
Arias com grande  
satisfação de todos  
os que se achavão  
presentes: depois a  
mesma Orquestra  
decorreo as ruas da  
Villa, executando  
peças muito harmo-  
niasas»<sup>139</sup>;

*Danças e Bailes* — Régua (1793): «... determinarão no dia 29  
fazer hum baile, que se  
compunha de huma grande  
Orquestra, e de 8 figuras  
vestidas de seda de varias  
côres, que fazia huma vista  
agradável, distinguindo-se  
neste baile o sobredito  
Agostinho José Lopes de  
Carvalho»<sup>140</sup>;

— Lisboa (1793): «Depois da cêa se tranferirão  
os convidados á sala do baile  
de apparato, onde se dançarão  
minuetes, e contradanças»<sup>141</sup>;

— São Pedro do Sul (1793): «Na tarde do mes-  
mo dia houve hu-  
ma vistosa dança  
de figuras tão ai-  
rosa, como des-  
tras naquelle exer-  
cicio»<sup>142</sup>;

*Serenatas* — Tondela (1793): «... havendo em casa do Juiz de  
Fóra, onde sempre esteve a  
Musica, e nas de muitos  
Cavalheiros das vezinhanças,  
Serenata pública em cada hum  
daquelles dias, e em alguns delles  
jantar dado por formal convite  
aos Camaristas e Nobreza»<sup>143</sup>;

---

<sup>139</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1793.

<sup>140</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 33, Agosto, 1793.

<sup>141</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 20, Maio, 1793.

<sup>142</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 45, Novembro, 1793.

<sup>143</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, Setembro, 1793.

— Chamusca (1793): «... houve huma bem concertada Serenata e baile em casa de D. Margarida de Mendonça, Senhora illustre daquella terra»<sup>144</sup>;

*Simulacro de lutas* — Mértola (1793): «... enchendo-se a tarde do ultimo dia com hum combate militar, figurado entre Christãos e Mouros; havendo-se para este fim formado hum Castello guarnecido pelos Mouros, e junto a elle o Campo dos Christãos»<sup>145</sup>;

*Encamisadas* — Abrantes (1793): «... e na última huma Encamizada, dirigida pelo mesmo Juiz de Fora, em que hião os Cavalleiros ricamente vestidos de branco, os cavallos d'esguião e cambraia, e cada hum dos Cavalleiros levava dous criados a pé vestidos da mesma côr com archotes accezos: na dianteira hia Joaquim Antonio Duarte da Silva Velloso, primeiro Vereador, com huma bandeira de Armas Reaes, seguirão-se os Encamizados aos pares, e depois a Camara junto ao carro da Musica, e hum immenso Povo»<sup>146</sup>;

— Régua (1793): «... e para maior demonstração de regozijo daquelles habitantes houverão nas noites de 7, 8, 9, e 10 de Maio lumi-

---

<sup>144</sup> *Suplemento extraordinário à Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Julho, 1793.

<sup>145</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 29, Julho, 1793.

<sup>146</sup> «No Rocio se fez huma Praça fechada, onde o Advogado José Joaquim de Menezes, Procurador do Estado de Abrantes, recitou publicamente huma Oração, que terminou com repetidos Vivas a S. M. e A. A.; e proseguindo a Encamizada pelas ruas principaes da Villa, foi dar à Praça, onde aquelle Advogado repetio a mesma Oração, terminando a função com os continuados Vivas de hum Povo, que tanto se distingue nas demonstrações de alegria pela successão da Augustissima Casa Reinante». *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 28, Julho, 1793.

narias, nas duas das quaes se fizerão humas grandes Encamizadas, que constarão de mais de 60 pessoas de cavallo, ricamente vestidas, precedidas de hum grande Instrumental, muitas luzes, e hum innumeravel Povo que concorreo, encaminhando-se para o lugar do Pezo, povoação vizinha, onde se juntou muito maior numero de espectadores»<sup>147</sup>;

*Cavalladas* — Buarcos (1793): «As manhans dos mesmos dias se passarão em vistosas cavalladas, nas quaes se virão manejallas destros cavalleiros brilhantemente vestidos, sendo a ultima o habil torneio das cabeças»<sup>148</sup>;

*Banquetes, refrescos e ceias* — Lisboa (1795): «A 23 Jacinto Fernandes Bandeira, Fidalgo da Casa de S. M., deo pelo mesmo plausivel motivo hum sumptuoso jantar ao Corpo Diplomatico, e hum grande parte da Nobreza da Corte: nessa tarde, na sua Ermida, que se achava ricamente armada, estando o Senhor exposto, fez cantar em acção de graças Te Deum, que entoou o Excellentissimo Arcebispo de Lacedemonia, executando a Musica hum completo Coro de vozes e instrumentos; a esta obse-

---

<sup>147</sup> Segundo suplemento à *Gazeta de Lisboa*, n.º 33, Agosto, 1793.

<sup>148</sup> Segundo suplemento à *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Junho, 1793.



quiosa acção terminou com hum bella Serenata, em que se executarão Peças bem appropriadas ao alto objecto que se celebrava, baile, e hum magnifica cêa, a que assistião os mesmos convidados»<sup>149</sup>;

— Pará (1795): «... e os Officiaes do Senado derão hum delicado refresco ao Excelentissimo Governador, e a muitas outras pessoas que convidarão»<sup>150</sup>;

*Fogo de artifício* — Funchal (1793): «... se deo principio a hum grande fogo de artifício, que o mesmo Senado mandára fazer para aquella plausivel noite: fingia elle hum jardim com grandes columnas tudo de fogo, e no centro se erguia hum magestosa máquina de tres andares, a que se subia por escadas de dous lanços até dar no terceiro andar: quando o fogo, elevando-se gradualmente, chegou ao segundo andar, apparecerão illuminadas de repente as Armas da Ilha, e quando chegou em fim ao terceiro andar, appareceo outra nova e subita illuminação das Armas de Portugal, apparecendo ao mesmo tempo illuminadas as tres galerias, e as escadas; o que com os estrondos que

---

<sup>149</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 17, Abril, 1795.

<sup>150</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1795.

se ouvião do fogo occulto  
debaixo da mesma máquina  
causava espanto e ale-  
gria»<sup>151</sup>;

*Fogo do ar* — Queluz (1793): «Seguiu-se hum magnifico fogo d'artificio, que estava preparado na quinta, em que os espectadores achárão muita novidade de bem ideada invenção. Hum immenso chuveiro de vistossissimo fogo do ar concludo estes divertimentos»<sup>152</sup>;

*Luminárias* — Queluz (1793): «Á noite se virão os passeios da quinta illuminados com lampiões á Chinezta, e a fachada do Palacio, que cahe sobre o jardim, com vidros de varias cores, e pinturas transparentes, que pela variedade de bem imaginados emblemas, e pela acertada distribuição das luzes, offerencia á admiração dos espectadores huma vistosa e delicada perspectiva»<sup>153</sup>;

*Máquinas aerostáticas*<sup>154</sup> — Santa Marta de Penaguião (1793): «Para tornar mais sumptuosa a função, concorrêrão tres máquinas aerostaticas, que a Camara mandára elevar em cada noite do Tríduo; e que sendo dirigidas com o melhor successo, causarão grande admiração aos espectadores»<sup>155</sup>;

— Vilarinho da Castanheira (1793): «Em applauso do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, fez Antonio José Vannine lançar huma

---

<sup>151</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, Setembro, 1793.

*Fogo de vistas* — Tomar (1793): «A este festejo sagrado se seguiu em tres noites successivas a representação de duas Peças dramaticas, e depois tres tardes de espectaculos publicos, em que houverão combates de touros, e vistosas entradas de Mascaras, Cavalhadas, e Carros de triunfo, findando todo o referido applauso com hum magnifico fogo de vistas, que se lançou no espaçoso Terreiro da varge Grande» (*Suplemento extraordinário à Gazeta de Lisboa*, n.º 27, Julho, 1793).

<sup>152</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 35, Agosto, 1793.

<sup>153</sup> Idem, ibidem.

<sup>154</sup> «balão, ou máquina aerostatica». Idem, ibidem.

<sup>155</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 28, Julho, 1793.

Máquina aerostática, que se elevou até se perder de vista, e foi cahir na distancia de mais de legua e meia»<sup>156</sup>.

Inventariadas as principais manifestações que incluímos nas festas profanas, nas quais podemos acrescentar as assembleias literárias, não queremos deixar de referir outros aspectos que são também do maior interesse para o estudo das festas no período que estamos a tratar. São eles: a utilização da máscara, o gosto pelo exotismo, o exercício da caridade e a importância do traje.

A máscara está sempre presente nas festas, sendo o seu uso incitado pelos organizadores dos festejos<sup>157</sup> já que os mascarados além de darem um ar festivo, percorrendo as ruas da cidade (ou vila) participavam em cortejos e desfiles principalmente nos espectáculos que antecediam as touradas. A *Relação* dos festejos realizados em Braga em 1760<sup>158</sup> referem: «hum combate de touros, em que tourearão mascarar, muitas destas exquipaticas<sup>159</sup>, raras, vistozissimas: fizerão mil galantarias». Também em 1795 em Tavira «se fizerão grandes festejos com muitas mascarar»<sup>160</sup>. Assim, as festas portuguesas inseriam-se no «reino da máscara»<sup>161</sup> que dominou a Europa de setecentos.

O exotismo<sup>162</sup> presente na festa desde o século XVI, e mesmo antes, aparece também constantemente nos festejos que temos vindo a tratar. Cortejos de índios, húngaros, pretos e turcos são frequentes. Na Póvoa de Varzim, em 1793, viam-se danças «huma de Hungaros, e outra de Chinezes»<sup>163</sup> e anos antes, em 1760, em Braga<sup>164</sup>, na «Procissão do Triunfo» aparecerem carros onde os temas referidos estavam presentes: o segundo carro apresentava «hum magnifico Palacio, e nelle o Imperador dos Turcos» e no terceiro carro vinha «hum Rey preto, e a Rainha, acompanhado de muitos pretos».

---

<sup>156</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 32, Agosto, 1793.

<sup>157</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit., pp. 53-55.

<sup>158</sup> Ver nota 95.

<sup>159</sup> Esquisito, extravagante.

<sup>160</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 26, Julho, 1795.

<sup>161</sup> STAROBINSKI, Jean — *L'invention de la liberté. 1700-1789*, Genève, 1964,

p. 90.

<sup>162</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit., pp. 47-49.

<sup>163</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 43, Outubro, 1793.

<sup>164</sup> Ver nota 95.



Durante os festejos, o exercício da caridade estava sempre presente, não só através das dávidas de carne<sup>165</sup> aos presos, mas também por outras iniciativas caritativas:

esmolas — em 1793 o Bispo de Castelo Branco, D. Fr. Vicente Ferreira da Rocha (1782-1814) distribuiu «infinitas esmolas pelos presos, mendigos, viúvas, e mais pessoas miseráveis e envergonhadas da Terra»<sup>166</sup>;

jantares e ceias aos presos — a Câmara de Castelo Rodrigo, em 1793, «mandou também dar de jantar e cear em todos os ditos dias aos presos da cadeia»<sup>167</sup>;

dotações a órfãos — em 1795 «forão dotadas 12 Orfãos do Recolhimento da Rainha Santa Isabel (Lisboa) com 40\$ reis cada huma»<sup>168</sup>.

Nas descrições das festas e nas diversas *Relações* que sobre elas se publicaram é sempre dado ao traje uma grande importância. A forma de trajar da Família Real, dos membros da corte e até dos diversos participantes dos festejos é quase sempre descrita com grande pormenor. O aparecimento dos grupos atrás referidos, ricamente vestidos fazia parte do espectáculo. No Maranhão, a uma assembleia que deu no seu palácio, em 1793, o Governador e Capitão General da Capitania, D. Fernando António de Noronha, os convidados «se apresentarão sumptuosamente vestidos»<sup>169</sup>, referência que faz parte do mundo da festa. O traje, a carruagem, os cavalos ricamente ajazados, são nos cortejos, juntamente com as decorações efémeras, os elementos que se conjugam para o espectáculo.

---

<sup>165</sup> «Ultimamente mandou a Camara matar dous bois, e repartillos pelos presos das cadeias e pobres da Cidade». *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 32, Agosto, 1793.

«Em cada huma daquellas tardes pois se corrêrão alli touros; e em benefício dos pobres se mandárão matar tres bois, que gratuitamente forão repartidos pelas pessoas mais necessitadas da Villa». *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 44, Novembro, 1799.

<sup>166</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, Setembro, 1793.

<sup>167</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 41, Outubro, 1793.

<sup>168</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 15, Abril, 1795.

<sup>169</sup> *Segundo suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 48, Novembro, 1793.

\* \* \*

A festa ao serviço da Família Real insere-se na complexidade da festa barroca patente na sua programação, na subtileza da sua mensagem, nas alegorias e emblemas com que se reveste nas suas decorações. Ao mesmo tempo, as festevidades servem e são utilizadas como uma forma de as diversas estruturas sociais mostrarem a sua fidelidade ao Rei acompanhando, como um só corpo, as alegrias e as tristezas que o afectam.







## ADENDA

# I

## CERIMÓNIA DO BAPTIZADO DA INFANTA DONA MARIA BÁRBARA (1711.DEZEMBRO.08)

«Celebrou-se o seu Bautismo em huma sexta feira 18 de Dezembro do referido anno, que lhe conferio o Bispo Capelaõ môr, Inquisidor Geral, Nuno da Cunha de Ataíde, do Conselho de Estado, assistido do seu Cabido da insigne Collegiada de S. Tomé, que se havia já erigido. Foy Padrinho o Serenissimo Infante D. Francisco seu tio, e Madrinha a Emperatriz Leonor sua avó, e com Procuração sua tocou o Serenissimo Infante Dom Antonio. Foy levada ao Sagrado Bautismo pelo Duque de Cadaval, Mordomo môr da Rainha, do Conselho de Estado, que com opa de brocado branco guarnecida de galoens de ouro, forrada de grãa, e com hum cendal branco, em que havia de levar a Princeza, acompanhado de todos os Officiaes da Casa, entrou na antecamera de Sua Alteza a tomalla nos braços, e sahindo com o mesmo acompanhamento, e sendo levada debaixo de hum rico Paleo, que estava na casa, cujas varas tiveraõ os Condes dos Arcos, Gentil-homem do Infante D. Francisco, e o de Avintes, S. Vicente, Aveiras, Villa-Verde, todos quatro do Conselho de Estado, e o Marquez de Niza. As insignias tocaraõ ao Duque D. Jayme, que com huma toalha ao hombro levou o Saleiro, os Marquezes das Minas o Maçapaõ, o de Fronteira a Véla, todos do Conselho de Estado, o de Fontes a Veste Candida, e o das Minas D. João de Sousa, do Conselho da Guerra, e General de Cavallaria de Alentejo, a Toalha para purificar os Santos Oleos, e todos descobertos, como he costume em semelhantes occasioens. Assistiraõ à roda da Pia os Bispos de Leiria D. Alvaro de Abranches, de Angola D. Fr. Joseph de Oliveira, de Hypponia D. Fr. Antonio Botado, do Maranhaõ D. Fr. Timotheo do Sacramento, o de Lamego D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e o de Tagaste D. Manoel da Sylva Francez.

Antes de se principiár o acto, baixou à Capella o Fisico môr com quatro Reposteiros com quartas de prata, em que levavaõ agua, que se lançou na Pia, e temperou o Fisico môr. E dando principio ao acompanhamento, na fôrma observada,



pelos Porteiros com Maças de Prata, Reys de Armas, Arautos, e Passavantes com Cotas ricas, se seguia a Nobreza, tocando-se ao mesmo tempo diversos côros de instrumentos, trombetas, e atabales com muita harmonia. Joseph de Vasconcellos e Sousa, Trinchante da Casa Real, que fazia o officio de Mestre-Salla, disse em voz alta, que Sua Magestade, mandava, que todos os Títulos se cobrissem, porém esta ordem não se entendia com os que levavaõ as insignias, pela terem de se não cobrirem em quanto saõ com ellas occupados, e na volta o fazem por as terem largado, e acabado com o seu emprego; e assim tomaõ os lugares, que lhe tocaõ pella sua Grandeza, o que se não entende nos que levaõ o Paleo, que na volta vem servindo na mesma fórma. Hia o Senhor Infante D. Francisco diante do Paleo, e à sua esquerda o Infante Dom Antonio, e detraz do Paleo a Aya da Princeza, a quem ElRey naquella dia creou Marqueza de Santa Cruz D. Teresa de Moscoso Osório, viúva de D. João Mascarenhas, 5.º conde de Santa Cruz para exercitar aquella occupaçaõ, e a levou de braço o Conde Mordomo môr D. Martinho Mascarenhas seu filho, e a cauda seu neto primogenito D. João Mascarenhas. Na Tribuna estiveraõ as Magestades, e o Infante D. Manoel, e a Infanta D. Francisca; e assim se executou a funçaõ com grande pompa».

D. António Caetano de Sousa — *Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa*,  
Tomo VIII, Coimbra, Atlântida Editora, 1951, pp. 212-213

## II

### FESTEJOS REALIZADOS EM VISEU EM 1760 PELO CASAMENTO DA PRINCESA DO BRASIL COM O INFANTE D. PEDRO

«Vizeu 29 de Agosto. Logo que a esta Cidade chegou a prospera noticia de se terem celebrado, na Corte, as Faustissimas Vodas da Serenissima Princeza N. S. com o Serenissimo Infante D. Pedro, determinou a Camara fazer as publicas demonstraçoens de Jubilo que pedia tão venturosa occasiaõ. Mandou immediatamente publicar 3 noites successivas de Luminarias. Na Igreja Cathedral se celebrou logo nos primeiros tres dias, hum solemne Triduo, em acção de Graças, no qual officiou pontificalmente o Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo desta Diocese, assistindo a Camera, e toda a Nobreza da Cidade. Mas julgando os Vereadores e mais corpo da Camara que não se desempenhava cabalmente o herdado amor, e fidelidade dos Moradores de Vizeu, só com este repentino, e primeiro testemunho de alegria, se dispoz para celebrar mais dilatado festejo. No dia 29 de Junho se arvorou o Mastro das Festas na Praça da Cidade. À noite girou pelas ruas, principaes, em hum magnifico, e soberbo Carro de Triunfo, a Figura da Fama recitando, em huma elegante composição metrica, a promulgação das Festas, e chegando à Praça e fixou no Mastro. As Festas deviaõ principiar, no dia 3 de Agosto, e acabar no dia 11 do mesmo mez, segundo a determinação da Camera; Porem a excessiva alegria de alguns particulares, e o geral prazer de todo o Povo, quebrantou esta ordem, principiando o festejo, logo naquella dia, com huma vistosa Dança; dous combates de Touros; e com Luminarias todas as noites. As Festas publicas se dispozêraõ pela forma seguinte. No dia 3 de Agosto. Hum Combate de Touros, e algumas Danças joco-serias. Nos dias 4, 5, e 6, Alcanzias, Parelhas, Canas e Sortilha. No dia 7 Precedidas de huma Dança Jocoseria, Tambores, e Clarins, entráraõ na Praça

16 Figuras ricamente vestidas, e montadas em fermosos Cavallos soberbamente ajaezados: Seguirão-se 3 Carros triunfais, cujo adereço não só era custoso mas elegante, conduzindo outras 16 Figuras adornadas com igual decoro, e bizzarria; todas estas Figuras formarão na Praça hum admiravel Baile ao som de hum excellente concerto de vozes e de instrumentos. No mesmo dia houve segundo Combate de Touros. Nos dias 8, e 9, se repetirão os jogos de Cavallaria, acabando com huma Torre de fogo, e huma primorosa Mourisca. No dia 10 houve treceiro Combate de Touros. As Festas devião acabar no dia 11; mas foi preciso continuallas até ao dia 15, por se dever celebrar segundo Triduo na Cathedral. No dia 11; e 12 se transformou o Theatro das Festas para a Praça do Mosteiro das Religiosas de S. Bento, onde se Correrão Alcanzias e Parelhas. No dia 13 pela manhã se deo principio ao Triduo, com o Sacramento Exposto, Missa solemne, e Te Deum. De tarde se repetio o Baile do dia 7, na nova Praça, e depois houve quarto Combate de Touros. No dia 14, depois da Função da Igreja; se correo a Sortilha de tarde, e à noite se lançou hum soberbo fogo de Artificio. No dia 15, se acabou o segundo Triduo officiando pontificalmente o Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo; e pelas 2 horas da tarde sahio da Cathedral, huma devota, e solemne Procissão. Sua Excellencia levou a Custodia debaixo do Palio acompanhado do Corpo da Camera, as ruas por onde devia passar estavaõ sumptuosamente ornadas. Recolhendo-se a Procissão houve quinto Combate de Touros. He inexplicavel a magnificencia com que foraõ executadas estas successivas Funçoens. A Camera convidou por carta as pessoas mais distintas da Comarca, para assistirem às Festas, e entrarem nos jogos de Cavallaria. Mandou vir salariados de Castella, os mais habeis, e famosos Toureadores. Do mesmo Reyno fez conduzir os Touros mandando escolher os mais bravos, ao Paiz onde costumaõ ser ferozes. Naõ houve em tantos dias de festejo, e entre taõ numeroso concurso a menor desordem que podêsse alterar a publica alegria».

*Notícias de Lisboa*, n.º 18, Novembro, 1760

### III

#### DOCUMENTOS SOBRE PROPINAS

1.º — Carta de D. Tomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcelos Teles da Silva, 1.º marquês de Ponte de Lima e 13.º conde de Vila Nova de Cerveira, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino, para João de Almada e Melo, Governador das Armas e das Justiças do Porto

1777, Abril, 19

«Illustrissimo e Excelentissimo Senhor. Sendo presente a Sua Magestade a conta, que Vossa Excelencia me dirigio em datta de vinte e dois de Marso proximo precedente com o assumpto, de que não havendo sido regulada essa Rellassão, e tendo por esta cauza ficado no mesmo estado dos antigos ordenados, e propinas ordinarias, e extraordinarias nas occasiões de publicas felicidades, ou de funeraes regios, em que se ordenem lutos, lhas requerião os ministros da mesma Rellassão; e que não cabendo nas ferias dos cofres destinados para o pagamento das propinas ordinarias, que se estão



devendo; e muito principalmente, para as extraordinarias; necessitava de resolução da Mesma Senhora, para se pagarem por outro cofre. Sua Magestade havendo por bem, que os sobreditos ministros vensão as propinas extraordinarias na occazião presente, e não estando actualmente informada da possibilidade de cada hum dos cofres existentes nessa cidade: hé servida, que Vossa Excelencia me informe a este respeito, para ficar na intelligencia, de qual deve ser o cofre, pello qual se podem fazer estes pagamentos, e o fazer presente à Mesma Senhora, para ordenar pella repartissão que lhe for competente, se fassão na sobreditta forma. Deos guarde a Vossa Excelencia. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 19 de Abril de 1777 = Visconde de Villa Nova de Cerveira = Senhor João de Almada». (cópia)

2.º — Carta de D. Tomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcelos Teles da Silva, 1.º marquês de Ponte de Lima e 13.º conde de Vila Nova de Cerveira, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino, para João de Almada e Melo, Governador das Armas e das Justiças do Porto.

1777.Maio.17

«Illustrissimo e Excelentissimo Senhor. Sendo presente à Rainha Nossa Senhora a conta que Vossa Excelencia me dirigio dattada em vinte e seis de Abril proximo precedente, em que Vossa Excelencia declara o cofre, por onde se pode comodamente extrair o dinheiro para pagamento das propinas extraordinarias dos ministros dessa Rellassão pellos felices despozorios dos Serenissimos Principes Nossos Senhores, e pello luto do falecimento do Senhor Rey Dom Jozé Primeiro, que Santa Gloria haja: Foi a Mesma Senhora Servida, conformar-se com o parecer de Vossa Excelencia: E ordenar, que a quantia para as ditas propinas seja extrahida dos dezasette contos, e tantos mil reis, que se extrahirão do Depozito Geral, que se estabeleceu nessa cidade, pertencentes a Fazenda Real, e que se achão em depozito nos cofres da Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro: Mandando Vossa Excelencia fazer a conta das ditas propinas, na forma, em que se tem praticado em outras semelhantes occaziões: E receber a quantia da sua importancia, que para se entregar à ordem de Vossa Excelencia, remetto a carta incluza. Deos guarde a Vossa Excelencia. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 17 de Mayo de 1777 = Visconde de Villa Nova de Cerveira = Senhor João de Almada». (cópia)

3.º — Carta de João de Almada e Melo, Governador das Armas e Justiças do Porto para D. Tomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcelos Teles da Silva, 1.º marquês de Ponte de Lima e 13.º conde de Vila Nova de Cerveira, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino.

1777.Setembro.13

«Illustrissimo e Excelentissimo Senhor. Tendo os ministros da Rellassão desta cidade recebido da Real Grandeza de Sua Magestade o particular beneficio das sua propinas extraordinarias vencidas pello funeral do Senhor Rey Dom Jozé Primeiro, e pellos despozorios dos Principes Nossos Senhores; as quaes, precedendo informassão minha, foi a Mesma Senhora servida mandar satisfazer-lhes, na forma dos avizos de Vossa Excelencia transcriptos nas copias juntas, ordenando ao Provedor, e Deputados da Junta da Administrassão da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que dos juros existentes na mesma Companhia, e procedidos daquelle dinheiro,

com que varios accionistas se interessarão nella, e foi extrahido do Depozito Publico desta cidade, entregassem à minha ordem as quantias necessarias para o pagamento das referidas duas propinas; o que inteiramente se executou: E entendendo os dittos ministros, que as mesmas identicas razões, porque Sua Magestade houve por bem mandar satisfazer-lhes aquellas duas propinas extraordinarias, igualmente concorrião, para lhes ser paga a outra propina tambem extraordinaria pella feliz acclamassão da Mesma Senhora; me representarão, que fazendo eu expedir a folha, dispuzesse a solussão da ditta propina.

Não considerei attendivel esta representassão; pois como no avizo de Vossa Excelencia (n. 2) somente se especificão as sobreditas duas propinas não devia exceder as ordens, que se me dirigirão, nem me era permittido mandar fazer o pagamento da ditta terceira propina, sem que Sua Magestade expressamente o determine.

Todo o referido ponho na prezensa de Vossa Excelencia para que achando, pode ter lugar a exposta representassão, se sirva Vossa Excelencia de a fazer presente a Sua Magestade; e havendo a Mesma Senhora por bem attender ao que pertendem os ministros desta Rellassão, a respeito de lhes ser paga aquella terceira propina: Pode Sua Magestade mandar expedir as ordens necessarias, pello mesmo modo, que foi Servida determinar o pagamento das outras duas antecedentes. Deos guarde a Vossa Excelencia. Porto a 13 de Septembro de 1777. = Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Visconde de Villa Nova de Cerveira = João de Almada».



Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, maço 355

#### IV

### DESCRIÇÃO DOS FESTEJOS REALIZADOS NA FIGUEIRA DA FOZ PELO NASCIMENTO DA INFANTA DONA MARIA TERESA (1793)

«Fiel e exacta noticia do festejo que na Villa da Figueira se fez, pello feliz successo da Princeza Nossa Senhora.

Logo que o Governador da Praça de Buarcos, e forte de Santa Catherina desta villa João Pedro da Maia, teve a noticia do feliz successo da Princeza Nossa Senhora a Senhora Dona Carlota Joaquina ter dado à luz huma Princeza, querendo dar graças ao Omnipotente pela felicidade deste successo, fez cantar huma missa solemne, na capella do dito forte, recitando huma bem elequente oração o reverendo Dr. António Leite Pereira de Mello, conego secular da Congregação do Evangelista; e no fim hum Te Deum, a que assistio todo o clero destas vezinhanças, secular e regular com toda a nobreza, e povo da mesma com a devoção, que bem davão a demonstrar a alegria que



por tão feliz successo rezultava a todo o Reino, estando bem ornada a dita capella, e todo o recinto da mesma até a porta do dito forte, onde se achava em armas a tropa da sua guarnição a qual deo as suas descargas, correspondendo as fortalezas com salvas da sua artilharia, continuando estas por trez dias successivos; no fim dos quaes para maior satisfação de alegria unindo-se os officiaes da Alfandega, e corpo mercantil desta villa, com o dito governador, e a seu exemplo fizerão preparar huma bem vistoza praça, e nella entrar huma guarnição de soldados armados à mourisca, com quatro cavalleiros à turca apos os quaes se seguia hum bello carro da Fama pregoando a rezão do seu prazer nas oitavas seguintes.

1.º

De Portugal o dia venturozo  
Chegou enfim: oh dia dezejado,  
Tu serás para sempre glorioso  
Pois nos déstes hum fructo abençoado  
Este penhor augusto, e precizo  
Por votos da Nação foi alcançado:  
Porem preza esta gloria verdadeira  
Mais que todos a Villa da Figueira

2.º

De Portugal o herdeiro suspirado  
Nasceo enfim: oh venturozo dia!  
Tu seras para sempre assinalado:  
Nos fastos da Luz a Monarchia  
Emquanto Portugal alvoraçado  
Mostra fiel aos Reis sua alegria  
Une seus votos à Nação inteira  
A nobre, e leal Villa da Figueira.

Vendo se em torno do mesmo carro este distico — No jubilo geral desta Nação he jubilo tambem o meu pregão — Seguio-se hum grande e vistozo carro triumphal, o qual conduzia huma bella dança de curiozos, com grande instrumental dos mesmos, que circulando a praça nella procurarão mostrar a todos os espectadores a sua grande alegria. Continuando esta por trez dias, e em torno do dito carro se via a inscripção seguinte — Em suave prazer doce harmonia se eternize a memoria deste dia — Em todas as tres noutes se achava na dita praça huma vistoza iluminação em a qual se devizavão os retractos dos nossos Augustos Principes, que todo o povo clamava com grandes, e repetidos vivas: as manhans destes dias se passavão com vistozas cavallhadas em as quaes se virão destros cavalleiros, que as manejavão, sendo na ultima dellas o habil torneio das cabeças: devizando-se em todos os povos não só da villa, mas tambem de distantes aredores o maior contentamento, e alegria, e ao mesmo tempo todo o successo e quietação; para o que concorreo a grande vigilancia, e cuidado do dito governador assistindo a todos os festejos, com o maior zello que he possivel, com o qual se conseguiu o não haver a mais leve dezordem».

B.P.M.P., ms. 565, fls. 253-254